



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Faculdade de Educação – UAB/UNB/MEC/SECADI  
III Curso da Especialização em Educação na  
Diversidade e Cidadania com Ênfase em EJA/  
2014-2015

**Laudicéia Teixeira Lemos**

**Educação de Jovens e Adultos no Centro de Ensino Médio 03 do  
Gama – DF: a importância de conhecer e transformar a vivência da  
diversidade étnico-racial no ensino-aprendizagem.**

**Brasília, DF  
Novembro/2015**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Faculdade de Educação – UAB/UNB/MEC/SECADI  
III Curso da Especialização em Educação na Diversidade  
e Cidadania com Ênfase em EJA/ 2014-2015

**Educação de Jovens e Adultos no Centro de Ensino Médio 03 do  
Gama – DF: a importância de conhecer e transformar a vivência da  
diversidade étnico-racial no ensino-aprendizagem.**

Laudicéia Teixeira Lemos

Profª Drª Marly de Jesus Silveira

Esp. Carla Andréia Simão dos Santos

PROJETO DE INTERVENÇÃO

BRASÍLIA, DF novembro/2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Faculdade de Educação – UAB/UNB/MEC/SECADI  
III Curso da Especialização em Educação na Diversidade  
e Cidadania com Ênfase em EJA/ 2014-2015

Laudicéia Teixeira Lemos

**Educação de Jovens e Adultos no Centro de Ensino Médio 03 do  
Gama – DF: a importância de conhecer e transformar a vivência da  
diversidade étnico-racial no ensino-aprendizagem.**

Trabalho de conclusão do III Curso de Especialização em  
Educação na Diversidade e Cidadania com Ênfase em  
EJA/2014-2015, como parte dos requisitos necessários  
para obtenção do grau de Especialista na Educação de  
Jovens e Adultos.

---

Profª Drª Marly de Jesus Silveira – Professora Orientadora

---

Esp. Carla Andréia Simão dos Santos – Tutora Orientadora

---

Fátima Lucília Vidal Rodrigues - Avaliador Externo

BRASÍLIA, DF novembro/2015.

Dedico esse trabalho ao Sagrado, aos meus amados filhos: Nayara Lemos Thomaz, Leonardo Domingos Lemos, Miguel Domingos Lemos e Davi Santiago Silva. Ao meu “*amor de ébano*”, presente inesperado que a vida me trouxe. Ao meu *Tateto* Tawaresy, a minha amiga e *Maam’a mungua Makota* de Nzaze Levanjour e a Georgina, amiga de todas as horas.

Dedico a minha Maam’a Kamukengue Sindalaiê – Mãe Sinda, amor sem limite. Maam’etu ria N’Kisi Languanje – minha avó Mãe Geni, mais que amor. Aos meus irmãos de fé, aos meus amigos e aos meus ancestrais. Dedico, também, aos meus pequenos estudantes do BIA, turma 1º B da EC 09, e principalmente aos estudantes da EJAT do CEM 03 do Gama. Peço a todos que comemoremos juntos essa vitória. Essa conquista é nossa.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Sagrado, a N'Zambi, a minha Mameto Matamba, aos meus Tatetos Nkosi e Nzaze. Agradeço por tudo o que sou e a oportunidade que tive e tenho. Que mesmo quando algumas vezes, sentindo-me desacreditada e perdida nos meus sonhos, objetivos e ideais, ou perdida em mim mesma, me fizeram vivenciar as delícias dessa conquista.

Agradeço a minha mãe primeira Arlete, exemplo de luta e perseverança, aos meus irmãos que mesmo distantes moram em meu coração. Aos meus filhos por me respeitarem e me aceitarem em minhas “diversidades”. Agradeço pela paciência de aceitarem minhas ausências em momentos tão decisórios de nossas vida. Essa conquista é de vocês também.

Agradeço as preces, o amor, as conversar, os “banhos de água de canjica” para acalmar minha cabeça, as experiências de vida partilhadas por meu pai amado *Tateto Tawaresy*, por minha amiga e *Maam'a mungua Makota* de *Nzaze* Levanjour, por minha amiga das “antigas” Georgina- amiga de todas as horas- por minha Maam'a Kamukengue Sindalaiê – Mãe Sinda, por Maam'etu ria N'Kisi Languanje – minha avó Mãe Geni, vivência de ser mais que amor, sentindo na pele sua ancestralidade espiritual e física (filha de escrava).

Agradeço aos meus irmãos de fé que de alguma maneira contribuíram para a chegada desse momento. Em especial ao meu Taat'a Mungua N'Guzentala que sempre me ensina algo novo, ao Taat'a N'Gunzo Kanambura pelo carinho e apoio.

Agradeço aos meus pequenos estudantes do BIA, turma 1º B da EC 09, por serem exemplo vivo do que afirma Mandela: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.” (*“Long Walk to Freedom”*, Nelson Mandela, 1995). Mas, principalmente agradeço aos estudantes da EJAT do CEM 03 do Gama por me proporcionar desconstruir preconceitos, racismos e discriminações a mim ensinadas no decorrer da minha vida, da minha história.

Agradeço a você meu “deus de ébano”, “amor de ébano” ou simplesmente Amor. Afinal onde há amor, nada falta. E nada faltou: debates, embates, calma e amor.

Agradeço de maneira especial as minhas tutoras Indira e Carla, e com muito carinho a minha orientadora Marly, “amor à primeira vista” pelo intelecto, dedicação, sapiência.

A todos e todas meu

N'Toodele! N'Toodele! N'Toodele!

Obrigada! Obrigada! Obrigada!

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.”

*("Long Walk to Freedom", Nelson Mandela, 1995).*



## RESUMO

O curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com ênfase na Educação de Jovens e Adultos tem como principal objetivo a formação continuada de professores e profissionais em educação de jovens e adultos. Para isso desenvolve estudos colaborativos de intervenção na realidade local. Neste sentido, durante o 1º semestre de 2015 realizou-se paralelamente às atividades acadêmicas da especialização a experiência de interpelar o processo de educação dos jovens e adultos, quanto às vivências concretas oportunizadas no centro de ensino onde estudam. Foi planejado, apresentado à comunidade escolar e desenvolvido o Projeto de Intervenção Local “Educação: Importância de conhecer, discutir e transformar a vivência da diversidade étnico-racial no ensino-aprendizagem da EJA do CEM 03 Gama DF”. Este trabalho sistematiza esse processo que foi, ao mesmo tempo, estudos para aprofundamento da ação docente, desenvolvimento de proposta inovadora desta ação e reelaboração para aprofundamento teórico-prático do Projeto. A proposta do Projeto abordou a importância da identidade por meio de conhecer, discutir e transformar a vivência da diversidade étnico-racial no processo ensino-aprendizagem. Procurou-se resgatar e valorizar a vivência da diversidade étnico-racial nos processos de aquisição do saber, de formação cidadã e de reconhecimento das necessidades e interesses desse grupo de estudantes no conjunto da comunidade escola e em torno dela. Vivências de manifestações de preconceito e discriminação racial foram identificadas, mas não efetivamente combatidas. Assim, com a proposta de intervenção do PIL foi possível promover reflexão sobre essas ações e o que poderia ser feito para o seu combate. A comunidade escolar foi convidada a participar do debate sobre diversidade étnico-racial por meio de Roda de Conversa, onde suas experiências, considerações individuais e sugestões de mudanças foram ouvidas. Dentre os resultados destaca-se a sensibilização da comunidade escolar para o tratamento do tema e a mobilização para continuidade de ações com esse objetivo.

**Palavras-chave:** educação de jovens e adultos; diversidade étnico-racial; vivências no processo ensino-aprendizagem.



## RESUMEN

El curso de Especialización en Educación en la Diversidad y Ciudadanía, con énfasis en la Educación de Jóvenes y Adultos tiene como objetivo principal la formación continua de los docentes y profesionales de la educación de adultos. Para ello se desarrolla, en colaboración de uintervención estudios en la realidad local. En este sentido, durante la primera mitad de 2015 se celebró en paralelo con las actividades académicas de experiencia especializada a cuestionar el proceso de educación de jóvenes y adultos en relación con experiencias concretas oportunizadas centro docente donde estudian. Estaba previsto, presentado a la comunidad escolar y desarrolló el Proyecto de Intervención Local "Educación: Importancia de conocer, discutir y transformar la experiencia de la diversidad étnica y racial en el EJA CEM 03 DF Gama de enseñanza-aprendizaje". Este trabajo sistematizar este proceso, que era al mismo tiempo, los estudios para profundizar la acción docente, la propuesta innovadora para el desarrollo de esta acción y volver a trabajar a la profundización de diseño teórico y práctico. El propósito del proyecto abordó la importancia de la identidad a través de reunirse, discutir y transformar la experiencia de la diversidad étnico-racial en el proceso de enseñanza-aprendizaje. Él trató de rescatar y valorar la experiencia de la diversidad étnica y racial en los procesos de adquisición de conocimientos, la formación ciudadana y el reconocimiento de las necesidades y los intereses de este grupo de estudiantes en toda la comunidad escolar y alrededor de ella. Experiencias de manifestaciones el prejuicio y la discriminación racial han sido identificados, pero no se aborda de manera efectiva. Así que con la propuesta de intervención PIL fue posible promover la reflexión sobre estas acciones y qué se podría hacer para combatirlo. La comunidad escolar fue invitado a participar en el debate sobre la diversidad étnica y racial a través de rueda de conversación, donde se han escuchado sus experiencias, consideraciones individuales y sugerencias para cambios. Entre los resultados está la conciencia de la comunidad escolar a la cuestión del tratamiento y la movilización de continuar las acciones para este propósito.

**Palabras-clave:** la educación de adultos; diversidad étnica y racial; experiencias en el proceso de enseñanza-aprendizaje.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa 1 .....	19
Figura 2- Mapa 2 .....	20
Figura 3- Mapa da área .....	20
Figura 4- Mapa da cidade do Gama .....	22
Figura 5- Mapa CEM 03 .....	27

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Quantidade de alunos na EJA .....	25
Tabela 2- Cronograma de atividades do PIL .....	41
Tabela 3- Enquete com alunos da EJA .....	43

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Distribuição dos responsáveis pelos domicílios .....	24
Gráfico 2- População segundo nível de escolaridade .....	23

## LISTA DE SIGLAS

RIDE- Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno .....	14
CTARD/ CTAREJA- Comunidade de Trabalho/Aprendizagem em Rede na Educação de Jovens e Adultos .....	14
EJA- Educação de Jovens e Adultos .....	14
EJAT- Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores .....	14
PIL - Projeto de Intervenção Local .....	15
PPP - Projeto Político Pedagógico .....	15
CEM- Centro de Ensino Médio .....	15
DF- Distrito Federal .....	15
RA- Região Administrativa .....	16
LDBN – Lei de Diretrizes e Bases Nacional .....	17
PDAD- Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio .....	26
CRE- Coordenação Regional de Ensino .....	26
SEDF- Secretaria de Educação do Distrito Federal .....	26
AVA- Ambiente Virtual de Aprendizagem .....	29
PROINFO- Programa de Laboratório de Informática .....	29
MEC- Ministério da Educação .....	29
MS- Ministério da Saúde .....	29
ONG- Organização Não Governamental .....	29
ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio .....	29
PAS- Programa de Avaliação Seriada .....	29
PSE- Programa Saúde na Escola .....	29
CM- Carreira Magistério .....	31
CAE- Carreira Assistência Educação .....	31
CED- Centro Educacional de Educação .....	31
BIA- Bloco Inicial Alfabetização .....	31

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
CAPITULO I- O CONTEXTO DA ESCOLA ONDE SE INSERE A EJA/EJAT: FRAGMENTOS HISTÓRICOS, TERRITÓRIO E POPULAÇÃO .....	19
CAPITULO II- A PERSPECTIVA DE DIVERSIDADE HUMANA NO PROJETO POLITICO-PEDAGÓGICO E AS REPERCUSSÕES DE UMA “PROBLEMÁTICA” VIVÊNCIA DAS DIFERENÇAS ÉTNICO-RACIAS NA COMUNIDADE ESCOLAR .....	27
CAPITULO III- O PROJETO DE INTERVENÇÃO: CONCEPÇÕES, RELATO DE EXPERIÊNCIA, CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	33
PROJETO DE INTERVENÇÃO LOCAL .....	39
1. Dados de Identificação do Proponente .....	39
2. Dados de Identificação do Projeto de Intervenção .....	39
3. Objetivos .....	40
4. Cronograma das Atividades do PIL .....	41
5. Acompanhamento e Avaliação .....	42
REFERÊNCIAS .....	50

## INTRODUÇÃO

O curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com ênfase na Educação de Jovens e Adultos, segundo o seu projeto, tem como principal objetivo a formação continuada de professores e profissionais em educação de jovens e adultos, preferencialmente, em exercício na rede pública de ensino da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno - RIDE e municípios de Alto Paraíso-GO e Cavalcante-GO (polos UAB/UnB), criando condições para a construção local de uma educação contextualizada de acordo com suas especificidades e constituição de uma Comunidade de Trabalho/Aprendizagem em Rede na Diversidade – CTARD e Comunidade de Trabalho/Aprendizagem em Rede na Educação de Jovens e Adultos CTAREJA. Para isso desenvolve estudos colaborativos de intervenção na realidade local.

Neste sentido, durante o 1º semestre de 2015 realizou-se paralelamente às atividades acadêmicas da especialização a experiência de interpelar o processo de educação dos jovens e adultos, quanto às vivências concretas oportunizadas no centro de ensino que estudam. Foi planejado, apresentado à comunidade escolar e desenvolvido o Projeto de Intervenção Local “Educação: Importância de conhecer, discutir e transformar a vivência da diversidade étnico-racial no ensino-aprendizagem da EJA/EJAT do CEM 03 Gama DF”. Este trabalho sistematiza esse processo que foi, ao mesmo tempo, estudos para aprofundamento da ação docente, desenvolvimento de proposta inovadora desta ação e reelaboração para aprofundamento teórico-prático do Projeto. Ou seja: reflexão, ação, reflexão. Entendendo que esse aluno da EJA/EJAT almeja inserir-se como cidadão na busca de conhecimentos e trabalho que lhe garantam a cidadania. A proposta do Projeto abordou a importância da identidade por meio de conhecer, discutir e transformar a vivência da diversidade étnico-racial no processo ensino-aprendizagem em que estão incluídos. Procura-se o resgate e a valorização da vivência da diversidade étnico-racial nos processos de aquisição do saber, de formação cidadã e de reconhecimento das necessidades e interesses desse grupo de estudantes no conjunto da comunidade da escola e em torno dela.

Assim, o interesse pelo tema surgiu com a procura individual da identidade sócio cultural desta pesquisadora. Mistura de etnias compõem sua história genética e cultural (negros, brancos, índios e ciganos). Surgiu, também, pelo seu fazer didático e pedagógico, pelo observado no mister de sala de aula. Essas observações levam a indagações que surgem e apontam caminhos, em questões como: sendo eu mestiça, qual meu lugar, espaço ou grupo no mundo? Como o meu aluno da EJA/EJAT, que traz consigo suas

vivências na dimensão étnico-racial, se identifica e como essa identificação e a vivência dela interferem na aquisição do saber, no seu processo de conhecimento e desenvolvimento como cidadão? Qual a importância disto no projeto pedagógico do Centro de Ensino?

Nessa direção, o desejo de aprofundamento nesse debate surgiu de fato em uma pesquisa realizada sobre o pensamento construtivo de realidades negativadas pelo racismo, discriminação e preconceitos, identificado por meio da observação e apontados no Projeto Político e Pedagógico do Centro de Ensino Médio 03 do Gama.

Considera-se que a educação é, além de tudo, caminho para mudanças de distorções sócio culturais. Por isso, a proposta do PIL foi, de fato, repensar esse caminho propondo um novo olhar sobre o conhecer antigo, o caminho que conduziu à segregação de uma camada expressiva da sociedade por sua desvalorização, falta de identidade e, também, pela marginalização de sua história. Pretende-se promover um olhar que perceba positivamente as características étnico- raciais e a importância desse autoconhecimento nas aprendizagens dos estudantes de EJA/EJAT.

Para isso ressalta-se que na construção de sua identidade o indivíduo busca se localizar no tempo, no espaço e se apropriar de sua história. Todos fazemos parte da construção da sociedade brasileira. Então, onde estou? Onde me localizo nessa sociedade? Me localizo no processo em que homens e mulheres se envolvem em trocas de significados com outras pessoas de diferentes faixas etárias, gêneros, grupos sociais e étnico-raciais? Realizo experiências de conhecer que envolvem contextos de diferentes culturas, de choque e trocas entre jeitos de ser, ver e viver, além das relações de poder permitidas e estabelecidas? Que percepção tenho a meu respeito e sobre os outros com os quais me relaciono? (SILVA, 2007, p. 184)

Osmar Fávero na X ENEJA do Rio de Janeiro declara que “de acordo com a Lei todos têm o Direito à Educação, sendo este um dever do Estado”, mas que, no entanto, o Estado ainda não oferece esse direito de maneira qualitativa, para todos. Programas, projetos e ações como por exemplo o Plano Nacional de Educação e o Plano Distrital de Educação dentre outros, vieram com o intuito de alavancar as qualidades dos processos de Educação para a sociedade e nesta inclui-se a EJA/EJAT. Tudo com metas e estratégias bem elaboradas e específicas para cada modalidade de ensino.

Podemos observar que no Plano Decenal de Educação, por exemplo, encontra-se de 10 diretrizes, 20 metas e 253 estratégias e o destaque está na Educação de Jovens e Adultos para combater a desigualdade nos quesitos de analfabetismo absoluto e funcional



dos estudantes entre 18 a 24 anos. O plano pretende atingir a taxa de 93,5% de alfabetização em cinco anos, e ao final a sua erradicação total. Pretende, também, erradicar em 50% o analfabetismo funcional na Educação de jovens e Adultos, além de articular 25% das matrículas com o ensino profissional e assim triplicar a oferta desse ensino para esses estudantes, aumentando a elevação da inclusão escolar entre alunos de 18 e 24 anos em até 50%, dos quais 40% no ensino público. O que chama a atenção é que o plano decenal busca sanar as barreiras das dificuldades e desigualdades educacionais. No entanto, as vivências, necessidades e dificuldades dos alunos da modalidade EJA/EJAT não são contempladas nos quesitos onde a aprendizagem sofre influências sócio- culturais, visando formação para o mercado de trabalho.

Tal fato pode ser observado na comunidade escolar do Centro de Ensino Médio 03 do Gama e que, também, foram apontadas no Projeto Político Pedagógico da instituição onde manifestações de preconceito e práticas de discriminação étnico- racial com utilização de termos de cunho pejorativo ou falas completas como por exemplo: *“aquele negrinho do terceiro ano”*, ou mesmo, *“sua nega mal-educada”* são constantemente utilizadas por alguns membros da comunidade escolar. Aqui destacamos que as vivências dessas interações foram identificadas, mas não efetivamente combatidas. Assim, com a proposta de intervenção do PIL foi possível promover reflexão sobre essas ações e o que poderia ser feito para o seu combate.

A comunidade escolar foi convidada a participar do debate sobre diversidade étnico racial e a vivência dessa diversidade por meio de Roda de Conversa Aberta, onde suas experiências, considerações individuais e sugestões de mudanças foram ouvidas. Foi possível ser observado que nos momentos de fala os participantes já se sentiam valorizados ao serem escutados. Depoimentos como: *“não me sinto parte dessa sociedade que me marginaliza por ser negro”* foram ouvidos, e *“o que posso fazer de fato para garantir meus direitos enquanto cidadão negro e pertencente dessa sociedade e dessa comunidade escolar?”*, também. Além de falas de resignação como por exemplo: *“o povo é assim mesmo”* ou *“sempre foi assim, as pessoas colocam apelidos nas outras pessoas e se a gente acha ruim fica pior”*. Propor o debate junto à comunidade escolar de um tema tão relevante como esse da importância de conhecer, discutir e transformar a vivência da diversidade étnico-racial no ensino-aprendizagem, não pode ser considerada tarefa fácil. Por vezes estamos enraizados em condutas e ações que sabemos que não são corretas, mas pelo hábito e rotina prosseguimos com elas.

No percurso entre a apresentação e a execução das ações do PIL foram identificadas dificuldades, como exemplo a aprovação da equipe escolar e o chamamento da comunidade escolar para participar das atividades. Abordar um tema que propõe conhecer, discutir e transformar uma situação problema com as questões já mencionadas e que englobam a diversidade étnico-racial é promover o autoconhecimento e resgate de sua história individual. É também, propiciar o diálogo entre os pares que compõem a comunidade, vislumbrando mudanças de atitudes, convivência e empoderando, por meio do conhecimento. É importante destacar que existe o prospecto de ações de debates constantes sobre o tema nos projetos da instituição e que a LDBN 9394/96 – Leis 106392003/11645-2008 torna obrigatório o ensino da história e culturas afro-brasileira e africanas na educação, mas quando esta lei é abraçada pela comunidade escolar pode desencadear processos de reflexão fundamentais para desenvolver nos indivíduos a consciência da necessidade de combater injustiças sociais originadas na hierarquização das diferenças humanas.

Assim, as dificuldades identificadas durante o processo de elaboração, apresentação e execução foram enfrentadas e sanadas com o embasamento dado nos estudos realizados no processo e na vivência em torno da concepção da Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede na Diversidade (CTARD) em EJA/EJAT, em relação ao PERCURSO da formação. Foi possível, assim, evidenciar que a diversidade étnico-racial e a vivência dessa diversidade interferem no processo ensino-aprendizagem dos estudantes da EJA/EJAT do centro de ensino. Foi possível, também, observar que a promoção de ações de debate para reflexão sobre a importância da vivência étnico racial auxilia na formação cidadã e desenvolve processos e metodologias para o conhecimento e novas vivências na comunidade escolar sobre diversidade social, religiosa e cultural. Dessa maneira podemos afirmar que os objetivos traçados no projeto foram alcançados, e que existe por parte da comunidade o interesse que as ações desenvolvidas no PIL sejam uma constante no Centro e Ensino.

Na realização da difícil tarefa de sistematizar os movimentos exercitados neste percurso de estudos de pós-graduação, com destaque para a análise da proposta desenvolvida na EJA/EJAT do CEM 03 da cidade do Gama, e conciliando as orientações formais com as dinâmicas espaço- temporais de trabalho e estudos de fato vividos, o relato no texto organiza-se nas seguintes sequências temáticas:

Capítulo I- O contexto da escola onde se insere a EJA/EJAT: fragmentos históricos, território e população.

Capítulo II- A perspectiva de diversidade humana no projeto Político- Pedagógico e as repercussões de uma “problemática” vivência das diferenças na comunidade escolar.

Capítulo III- O Projeto de Intervenção: concepções, relato da experiência, considerações finais.

Esperamos que tenham uma boa leitura e que essa experiência possa proporcionar reflexão e mudanças positivas de comportamento.

## **CAPITULO I- O CONTEXTO DA ESCOLA ONDE SE INSERE A EJA/EJAT: FRAGMENTOS HISTÓRICOS, TERRITÓRIO E POPULAÇÃO.**

O público a qual se destina o Projeto de Intervenção Local é a comunidade a que pertencem os estudantes jovens e adultos do Ensino Médio do CEM 03 do Gama DF.

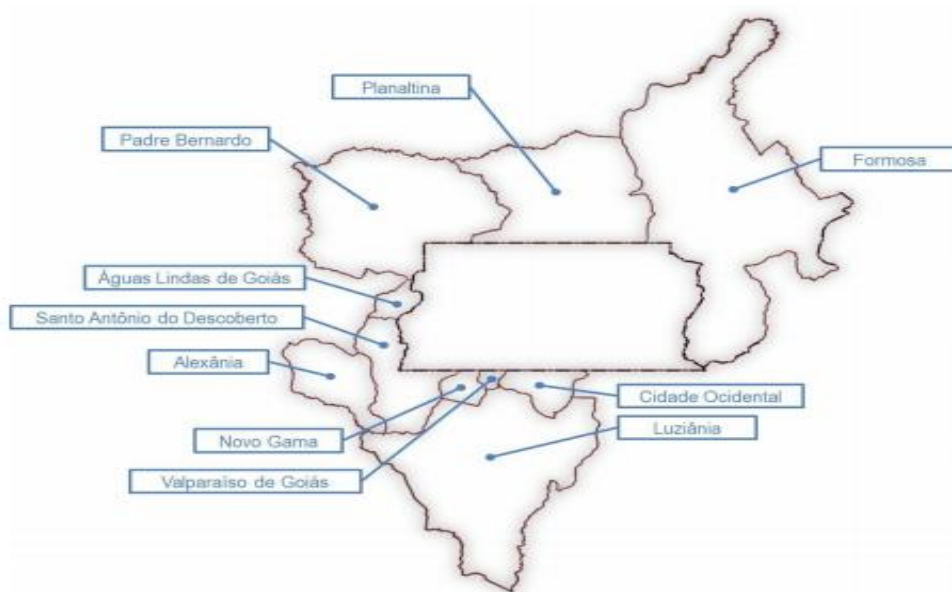
O Distrito Federal localiza-se entre os paralelos 15°30' e 16°03' de latitude sul e os meridianos 47°25' e 48°12' de longitude WGr, na Região Centro-Oeste. Ocupa uma área de 5.789,16 km<sup>2</sup> no Planalto Central do Brasil, centro-leste do Estado de Goiás, equivalendo a 0,06% da superfície do país.

Encontra-se nos limites do rio Descoberto a oeste, e do rio Preto, a leste. Ao norte e ao sul, o DF perpassa por linhas retas, que definem o quadrilátero correspondente à sua área. Limita-se a leste com o município de Cabeceira Grande, pertencente ao Estado de Minas Gerais, e com os seguintes municípios de Goiás: Ao norte - Planaltina de Goiás, Padre Bernardo e Formosa; Ao sul - Luziânia, Cristalina, Santo Antônio do Descoberto, Cidade Ocidental, Valparaíso e Novo Gama; A leste - Formosa; A oeste - Alexânia, Santo Antônio do Descoberto, Padre Bernardo e Águas Lindas. (PPP- CEM 03 Gama. 2012/2015).

Os Mapas I e II apresentam a localização do Distrito Federal na AMB - Região Integrada do Distrito Federal e Entorno – RIDE e na Área Metropolitana de Brasília.

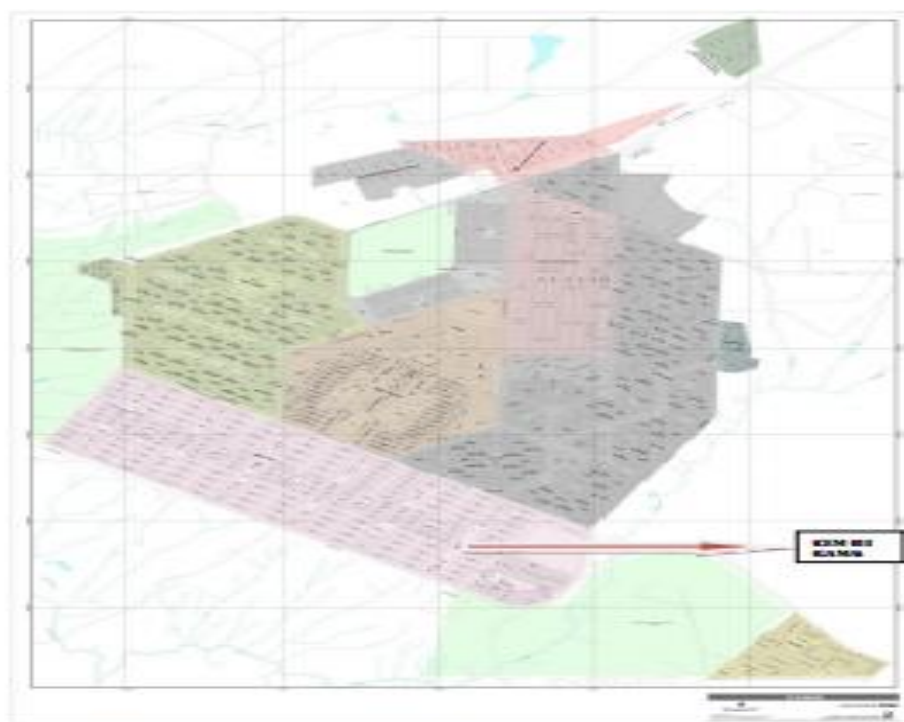


**Figura 1: Mapa I - Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno – RIDE.**  
Fonte: Secretaria de Estado de Governo do Distrito Federal, 2012.



**Figura 2:** Mapa II – Área Metropolitana de Brasília – AMB. Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), 2012. Fonte: CODEPLAN. Disponível em <http://www.codeplan.df.gov.br/area-metropolitana>. Acessado em 03/11/2014.

O Centro de Ensino Médio 03 do Gama está situado em região limítrofe entre o Distrito Federal (porção sul) e o estado de Goiás (ver figura 3), tendo como clientela, conforme dados do EDUCACENSO, aproximadamente 418 alunos residentes naquele estado.



**Figura 3:** Mapa da área urbana da Região Administrativa do Gama (DF), com a localização do Centro de Ensino Médio 03 do Gama. Fonte: Secretaria de Habitação, Localização e Desenvolvimento (SEDHAB), 2014. Disponível em: [www.sedhab.df.gov.br](http://www.sedhab.df.gov.br). Acessado em: 03/11/2014.

Apesar destes dados, sabe-se que o número de alunos residentes no estado de Goiás é muito superior, sendo tal fato um obstáculo enorme a ser superado pela escola e pela SEDF, uma vez que para conseguir matrícula na escola (DF), as famílias residentes nas cidades do entorno sul do DF informam endereços de familiares e amigos residentes na cidade do Gama. Essa situação dificulta imensamente o contato com os pais ou responsáveis pelos alunos, quando se faz necessário, seja para tratar de assuntos referentes ao desempenho escolar ou em caso de urgência, como violência e/ou problemas de saúde dos mesmos.

A Região Administrativa do Gama RA II, onde está situada o Centro de Ensino Médio 03, é formada por área urbana e rural. Sua história de formação, enquanto cidade ou RA, teve início com a transferência da Capital da República para o Planalto Central.

O espaço territorial da cidade abrange tanto o ribeirão como as áreas que pertenciam à fazenda Gama que ficaram dentro da área escolhida para sediar a nova capital do Brasil. Segundo os registros da Freguesia de Santa Luzia, hoje Luziânia, que ainda se encontram no departamento de Terras e Colonização de Goiânia, a Região Administrativa do Gama está localizada em terras que pertenceram às fazendas do Ipê, Alagado, Ponte Alta e Gama. Embora não se tenha conhecimento exato da origem da palavra “Gama”, com que se intitulava a fazenda que emprestou seu nome à cidade, podemos afirmar que ela partiu do Platô do Gama, onde estão localizadas as cabeceiras do ribeirão do mesmo nome já citado. À época, o Padre Luiz da Gama Mendonça levava sempre seus ofícios às massas nas mais distantes localidades e era muito admirado pela comunidade local o que alguns acreditam que na verdade o nome da cidade do Gama veio como uma homenagem ao religioso.

Conforme o Censo Experimental de Brasília de 1959, residiam na futura área do Gama cerca de 1.000 pessoas, assim distribuídas: nos arredores da Fazenda Gama, 587; na Fazenda Ponte Alta, 259; e na Fazenda Ipê, 108 habitantes. Foram assentados, no local da futura cidade, 30 famílias retiradas da barragem do Lago Paranoá, devido à finalização da obra da barragem. Aqui nascia o Gama.

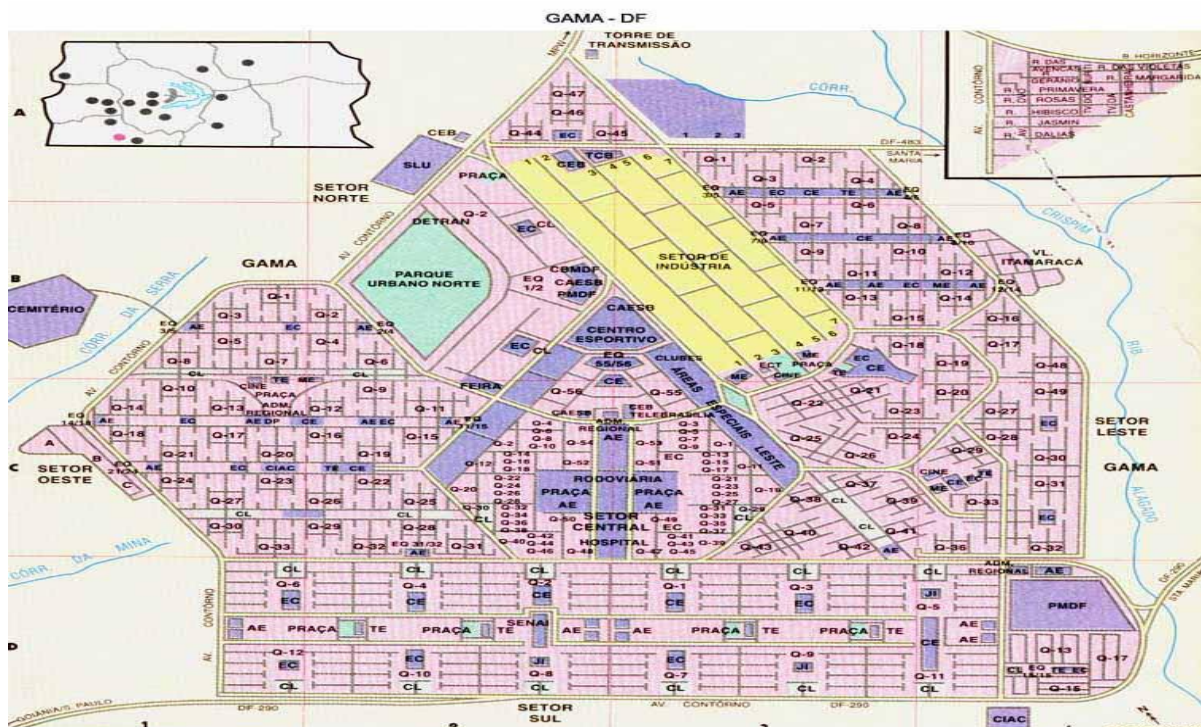
A cidade é uma das mais dinâmicas do Distrito Federal e seu desenvolvimento segue em ritmo acelerado. É conhecida pela máxima popular “Quem ama mora no Gama” <sup>1</sup>. Foi fundada em 1966 para acolher as famílias de uma invasão situada na barragem do Paranoá, os moradores oriundos da Vila Planalto e da Vila Amauri. Posteriormente abrigou habitantes do Setor de Indústria de Taguatinga. Transformou-se na Região Administrativa - RA II em 1989 por meio da Lei n.º 49/89 e do Decreto n.º 11.921/89 que, fixou os novos limites das regiões administrativas do Distrito Federal.



O Gama está a 30 Km de Brasília e a região urbana caracteriza-se por um traçado hexagonal, assemelhando-se a uma colmeia dividida em seis setores: Norte, Sul, Leste, Oeste, Central e de Indústria. O Núcleo Rural Santa Maria permaneceu como área rural da RA II – Gama até 1992, quando se transformou em Região Administrativa. Em 2013, a população urbana do Gama foi estimada pela – PDAD 2013 em 133.287 habitantes. Segundo os dados da PDAD 2013, a população urbana estimada do Gama é de 133.287. A taxa média geométrica de crescimento anual de Gama, entre as duas PDADs 2011-2013, é 2,25% ao ano. A maior parte da população é constituída por mulheres, 52,54%. A razão de sexo, expressa pelo número de homens para cada 100 mulheres, é de 90,33.

Do total de habitantes da RA II, 18,96% têm até 14 anos de idade. No grupo de 15 a 59 anos que concentra a força de trabalho, encontram-se 61,93% do total. A faixa etária de 60 anos ou mais é representada pelo total de 19,11% dos habitantes.

Conforme levantamento dos residentes na RA II, a maioria (55,83%) do contingente populacional é nascida no Distrito Federal, enquanto 44,17% são constituídos por imigrantes. Do total de imigrantes, 56,67% são naturais do Nordeste; 25,40% do Sudeste e 12,80% do Centro-Oeste. Em relação à origem por estados, Minas Gerais é o mais



representativo (19,90%), seguido de Goiás (12,01%) e Piauí (11,72%).

Figura 4 – Mapa da Cidade do Gama

Da população total do Gama, destaca-se o elevado percentual daqueles que não estudam, 70,66%. Dentre aqueles que estudam (29,34%), expressiva maioria (19,58%) frequenta a escola pública. Quanto ao nível de escolaridade, 2,68% declararam ser analfabetos. Esse percentual passa para 5,05% quando somado aos que somente sabem ler e escrever e aos que fizeram ou fazem curso de alfabetização de adultos. A maior participação concentra-se na categoria dos que tem o nível fundamental incompleto 31,25%, seguido dos que têm o ensino médio completo (25,36%). Vale destacar que somente 0,95% da população do Gama não teve acesso ou não concluiu o ensino fundamental e o ensino médio em idade apropriada, tendo em vista serem oriundos ou frequentarem a EJA – Educação de Jovens e Adultos. Os que concluíram o curso superior, incluindo especialização, mestrado e doutorado, somam 9,84% da população.

As atividades extracurriculares desenvolvem a socialização, aumentam a autoestima e enriquecem a vida acadêmica e profissional das pessoas. No entanto, no Gama estas atividades são pouco observadas, pois 97,38% da população declarou não frequentar nenhum tipo de atividade extracurricular. Dos que fazem cursos de idiomas, o de inglês é o mais procurado, porém somente com percentual de 1,63%. Do total de estudantes do Gama, 85,18% estudam na própria região, 8,82% em Brasília e 3,38% em Taguatinga.

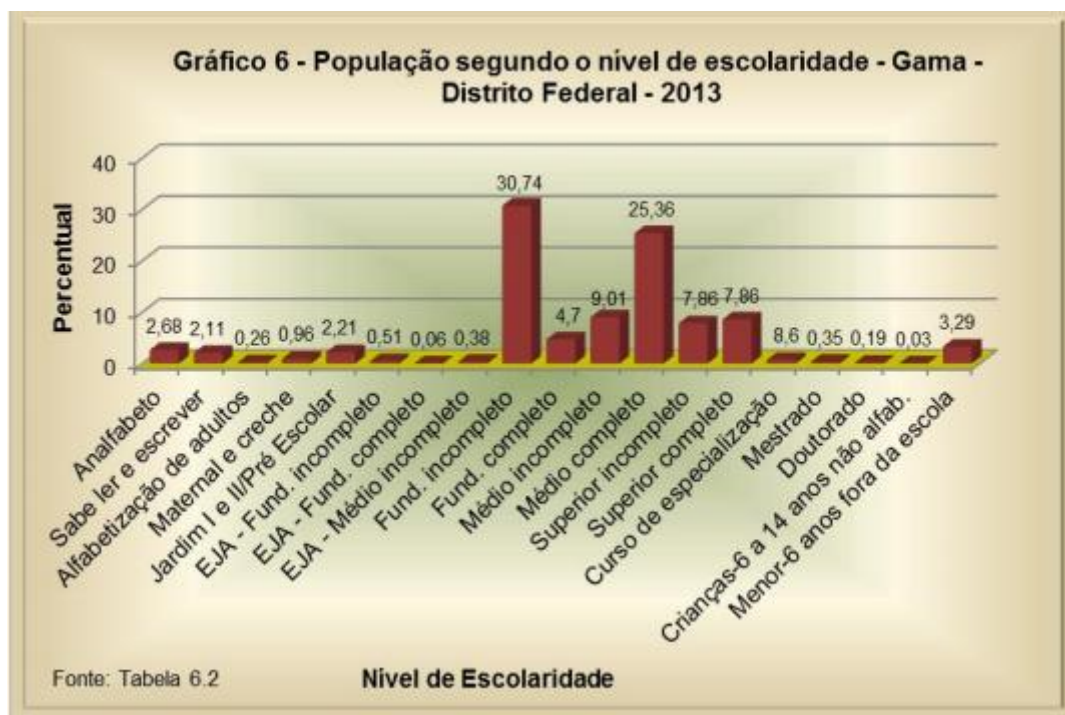


Gráfico 2. População segundo nível de escolaridade. Fonte PDAD 2013.

Na pesquisa por domicílios, contata-se que a quase a totalidade (97,22%) dos responsáveis pelos domicílios não frequenta escola; 2,11% estão nas escolas particulares e 0,67 %, nas públicas. Ao analisar a escolaridade apresentada na pesquisa foi possível



observar que 32,49% dos responsáveis pelos domicílios da RA têm o ensino fundamental incompleto, sendo que destes somente 0,89% frequentou a EJA/EJAT. Os que têm o ensino médio completo totalizam 34,93% (somados aos que têm nível superior incompleto). Somente 11,34% têm o ensino superior completo, incluindo curso de especialização, mestrado e doutorado. Quanto aos analfabetos 4,56% dos responsáveis pelos domicílios estão nessa categoria.

Dos residentes nessa RA II, 49,31% declararam ter cor parda/mulata, seguidos da cor branca 44,84%. Em menor proporção, estão os de cor preta (5,82%). Os de raça amarela (origem chinesa, japonesa, coreana etc.) não foram detectados na pesquisa e os indígenas apresentaram participação irrisória. A população do Distrito Federal, assim como ocorre no Gama, é formada por naturais de diferentes estados brasileiros cada um trazendo de sua origem a cultura local, promovendo uma grande diversidade.

Em uma análise do gráfico 1, que apresenta dados sobre a diversidade étnico- racial, podemos observar que, utilizando a categoria sociológica “Negro”, cunhada pelos movimentos sociais que lutam contra o racismo no Brasil, os pardos (aqueles que não são brancos e que optam pelo significado da miscigenação) somados aos que se autodeclaram “pretos”, representam 52,17% dos adultos responsáveis por domicílio, estão nesse grupo da população local. Desses dados outras questões podem ser elencadas como por exemplo: Em qual a categoria de emprego e trabalho essa população está inserida, tendo em vista que são chefes de família? É um considerável percentual, mais da metade da população, que opta por se identificar como pardo e preto, mas reconhecem sua história e sua formação enquanto não-brancos? Quais as vivências trazidas individualmente e no coletivo para que se auto identifiquem assim?

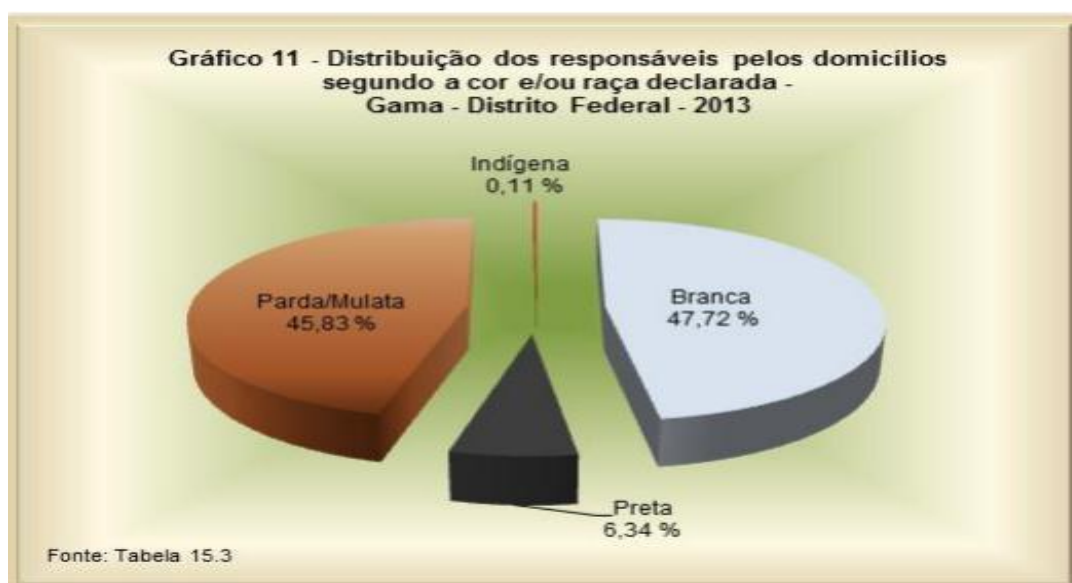


Gráfico 1. Distribuição dos responsáveis pelos domicílios segundo a cor e/ou raça declarada. Fonte PDAD 2013.

Quanto ao perfil socioeconômico dos alunos regularmente matriculados no CEM 03 do Gama, este se enquadra no perfil apresentado pela Codeplan (GDF, 2013), ou seja, estão no nível intermediário de renda. No entanto, cerca de 60% dos alunos da EJA/EJAT estão no quadro de desempregados.

Em toda rede de educação do Distrito Federal, em 2010, estavam matriculados 694.107 alunos na educação especial, educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, educação de jovens e adultos e educação profissional, sendo 505.122 na rede pública, 179.537 na particular, e 3.516 na federal. O Distrito Federal é essencialmente urbano assim os alunos matriculados na rede pública urbana representam 95,8% do total, percentual proporcional à sua população. O atendimento pelo CEM 03 do Gama pode ser visualizado na tabela abaixo e podemos destacar que mesmo com a oferta de vagas na EJA/EJAT não se pode garantir a frequência desses estudantes no processo de ensino. (GDF, 2013).

<b>ENSINO MÉDIO</b>						
TURNOS	1º ANO		2º ANO		3º ANO	
	TURMAS	Nº ALUNOS	TURMAS	Nº ALUNOS	TURMAS	Nº ALUNOS
MATUTINO	-	-	12 TURMAS	469	06 TURMAS	198
VESPERTINO	16 TURMAS	568	02 TURMAS	77	-	-
NOTURNO	-	-	-	-	-	-

<b>EJA: 3º SEGMENTO</b>						
TURNOS	1º		2º		3º	
	TURMAS	Nº ALUNOS	TURMAS	Nº ALUNOS	TURMAS	Nº ALUNOS
NOTURNO	04		03		03	

**OBS.:** Informamos que a quantidade de alunos matriculados na EJA são 500 e de acordo com a Estratégia de Matrícula, as matrículas são efetivadas por componente curricular. Entretanto, há um alto índice de alunos infrequentes; cerca de 40% do total de matrículas representa o quantitativo de alunos presentes às aulas.

TABELA 1 – Quantidade de alunos na EJA.

O Centro de Ensino Médio 03 do Gama começou a funcionar em 14 de novembro de 1972 como uma Escola Classe, denominando-se quatro meses depois como Centro 06 de Ensino de 1º Grau conforme Instrução n.º 03 de 15 de março de 1973. De acordo com o Decreto 3547-DF de 03 de janeiro de 1977 transformou-se em Centro Interescolar 02 do Gama. Em 21 de julho de 1982, de acordo com a Portaria n.º 32, passou a se denominar Centro Educacional 03 do Gama. Em 18/07/2000, de acordo com a Portaria n.º 129, passou a denominar-se Centro de Ensino Médio 03 do Gama (GDF/SEDF/CRE GAMA/CEM 03, 2010).

Ao longo de todos esses anos teve uma história de muito sucesso, tornando-se uma escola uma referência na comunidade gamense. De 1982 a 1992 a escola atendia também o ensino profissionalizante, além do EJA, o que diversificava bastante os objetivos da escola (GDF/SEDF/CRE GAMA/CEM 03, 2010). Com a saída do ensino profissionalizante, a escola traçou novas metas, novos objetivos para que pudesse corresponder à modalidade básica de ensino: o ensino científico, hoje denominado ensino médio e o EJA 2º segmento (PPP, 2012-2015). Dos projetos que fazem parte da história de efetivo fazer pedagógico podemos citar os seguintes:

1. Ampliação da carga horária das disciplinas básicas que funcionou de 1993 a 1999 resultando no aumento de 05 para 06 aulas diárias, não incluindo a Educação Física na grade horária. Esse projeto culminou em muitas aprovações em vestibulares e concursos públicos. A escola ficou entre as 10 melhores escolas públicas do Distrito Federal no 1º triênio do Programa de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília, tendo um aluno cursando Medicina em Cuba.
2. Integração Centro Educacional 03 do Gama & Centro de Saúde n.º 02 do Gama (Promoção de saúde na escola). Essa integração possibilitava um pronto atendimento nos casos de emergências leves e doenças sexualmente transmissíveis (DST).
3. Integração Português / Artes: projeto aprovado que funcionou no período 1989/1990. Matemática / Artes, História / Artes, Matemática / Física / Química / Biologia / Português / Geografia / História.
4. Projeto Cultural: Implementado em 1999, primeiramente denominado de "SARAU" no turno noturno, com repercussão altamente positiva. Devido ao sucesso de público e de crítica passou também a ser realizado no turno diurno.

Percebe-se que mediante as ações e projetos mais amplos planejados e desenvolvidos no Centro e Ensino, não há destaque para propostas voltadas para a igualdade racial, de gênero e outras correlatas. O que é possível notar no sucesso conquistado pelo Projeto Cultural "Sarau" é exatamente o que supomos como a proposta de intervenção no campo da diversidade étnico-racial. Ou seja, os estudantes estão ávidos de espaços e oportunidades em que possam expressar-se, falar de si, de seus problemas, sonhos e projetos atuais e futuros.

## **CAPITULO II- A PERSPECTIVA DE DIVERSIDADE HUMANA NO PROJETO POLITICO- PEDAGÓGICO E AS REPERCUSSÕES DE UMA “PROBLEMÁTICA” VIVÊNCIA DAS DIFERENÇAS ÉTNICO-RACIAIS NA COMUNDADE ESCOLAR.**

O Centro de Ensino Médio 03 do Gama tem procurado seguir os pressupostos contidos em todo o arcabouço legal que rege a educação brasileira e, no que diz respeito à cidadania, entende que a apreensão e compreensão dos objetos de conhecimento de todos os componentes curriculares, aliados à contextualização e à realidade concreta dos educandos fará com que estes possam desenvolver o exercício consciente e pleno da cidadania. Isto está declarado em seus projetos e registros institucionais.

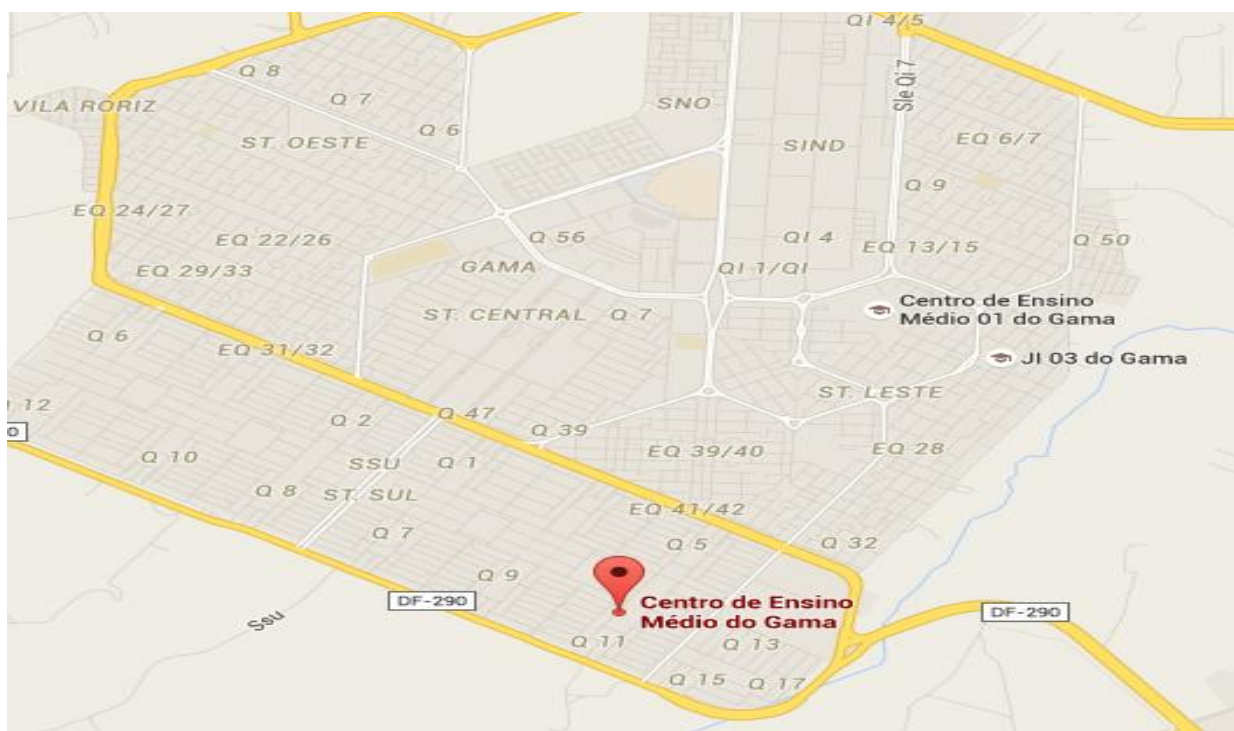


Figura 5: Mapa Localização do CEM 03 Gama DF

Na realidade vivemos no cotidiano escolar uma diversidade de juventudes, com origens, perfil socioeconômico, identidades de gênero, sexualidades, estrutura familiar e projetos de vida bastante distintos, o que tem causado grande ansiedade nos profissionais da educação (carreira magistério, carreira assistência à educação, funcionários terceirizados e voluntários) em relação à prática pedagógica a ser adotada e, também, em relação aos acordos de convivência a serem tratados. O centro de ensino tenta promover e relacionar todas estas dimensões por meio de atividades diferenciadas, tais como, visitas de campo a

parques, museus, exposições, teatros, feira de ciências, atividades de protagonismo juvenil como organização e apresentações artísticas, culturais e científicas por meio de projetos.

A ação educativa deve ir além das aprendizagens de conteúdos formais, reconhecendo diferentes espaços, etapas, tempos e ferramentas educativas para que se consiga superar a distância entre o que se constrói dentro e fora da escola. Com este pensamento, o CEM 03 tem investido no Laboratório de Informática Educativa – PROINFO/MEC, implementando sua plataforma *moodle* – Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Na educação de jovens e adultos, o Laboratório de Informática tem ofertado minicursos para inclusão digital dos alunos. No dia-a-dia, o laboratório é muito frequentado por alunos das duas modalidades para fins de pesquisa, trabalhos e inscrição para ENEM, PAS e vestibulares.

Conforme expresso no Projeto Político Pedagógico Professor Carlos Mota, da SEDF (GDF, 2013), outros fatores agregam-se ao processo de construção da educação, entre eles a intersectorialidade e a participação estudantil. O entendimento de intersectorialidade surge pelo fato de a educação ser um compromisso de todos – governo, sociedade civil e comunidades pertencente à ampla rede de instituições que circundam a escola. Portanto, requer ações coletivas e organizadas em função das aprendizagens e do reconhecimento da escola como espaço de referência da ação social e da construção de territórios educativos. Em relação a intersectorialidade, o CEM 03 participa há vários anos, do Programa Saúde na Escola (PSE) /MEC/MS e por meio do Projeto VIVA+ Valorizando a Vida executa as ações do programa; também participa de Formação da FIOCRUZ sobre “Planejamento e Atuação Intersectorial em Promoção da Saúde na Escola. Em relação à participação estudantil, a escola tem investido em formação para o protagonismo juvenil e empreendedorismo, por meio de parcerias com ONGs, entretanto, precisa fortalecer o Grêmio Estudantil e o Conselho de Representantes de Turmas.

O tema diversidade é considerado no Projeto Político Pedagógico a partir do conceito da diversidade cultural sustentado pela UNESCO e respaldado por sua Declaração Universal sobre Diversidade Cultural, de 02 de novembro de 2001, que considera essa diversidade como “o patrimônio comum da humanidade e que deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações futuras” (UNESCO, 2002). Atualmente, esse conceito ganhou amplitude e passou a ser utilizado por diversos setores, entre eles o das políticas de educação pública e privada. O conceito de diversidade cultural é de grande importância, pois garante aos países que ratificarem a Convenção de 2005, a proteção e a promoção da diversidade de conteúdos culturais e expressões artísticas, o resguardo de seu direito de produzir políticas baseadas na identidade de um povo (GDF, 2013).

Entretanto, por entender a importância do trato da diversidade na educação e, principalmente, das relações étnico-raciais, previsto tanto no artigo 26-A da LDB, orientadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro brasileira, Africana e Indígena, colocam-se questões que nortearão esse trabalho na rede (GDF, 2013). Atendendo a este dispositivo legal, o CEM 03 promove a Semana da Consciência Negra, momento de reflexão sobre o tema “relações étnico- raciais”, que envolve apresentações artísticas e culturais pelos alunos, com orientação dos professores.

Faz-se necessário, no entanto, ampliar o debate sobre o tema diversidade, partindo dos seguintes questionamentos: Os profissionais da educação compreendem o significado da diversidade no contexto escolar? O conceito de diversidade está incorporado às práticas pedagógicas das escolas e integra o currículo? As questões da diversidade estão presentes no cotidiano da sala de aula ou aparecem apenas em momentos comemorativos e/ou em algum projeto pontual? (GDF, 2013).

Diante destas questões, é importante enfatizar que a diversidade constitui-se como um conjunto heterogêneo e dinâmico de concepções e atitudes relativas às diferenças, sejam elas de origem étnico- racial, de gênero, de orientação sexual, religiosa, das condições físicas e/ou mentais de cada indivíduo ou do pertencimento aos vários contextos socioculturais.

A criação de uma data, uma semana ou mesmo de um dispositivo legal para um momento de conscientização e reflexão sobre a importância da cultura e do povo africano na formação da cultura nacional não deixa de ser importante. Ainda assim, apenas uma semana, ou um dia, seria suficiente para abordar a presença negra na construção da história, nos aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais do nosso país? É suficiente para elencar, reconhecer e valorizar sua contribuição na cultura e religiosidade e avaliar sua importância na construção cidadã? Ações como exposição de arte com a temática africanidade, peças de teatro amador, bandas, apresentação de capoeira, culinária, dentre outras são relevantes. No entanto, destacamos que a cultura, a história social e as condições sócio- econômicas de cada parte da nação devem ser trazidas constantemente para o debate, pois fazem parte da construção de conhecimentos, trabalho e práticas sociais do conjunto da população. As ações deveriam ser integradas aos conteúdos e atividades curriculares cotidianas, visando combater as injustiças sociais causadas no decorrer da história e reproduzidas em processos atuais de produção das desigualdades.

Olhando localmente, é preciso recuperar a história do Centro de Ensino Médio do Distrito Federal e de que forma a cultura organizacional foi construída ao longo do tempo, imprescindível para a definição da identidade e finalidade da escola, que devem ser constantemente revistas e atualizadas, incorporando-se os novos elementos propostos pelas diretrizes educacionais vigentes e pelas demandas da comunidade. Entende-se que a cultura organizacional da instituição é mutável, conforme se altera o público que ali trabalha, estuda e interfere diretamente na forma de condução dos trabalhos pedagógicos. Afinal, essa dinâmica possibilita contar a história da escola em “várias mãos”. E permite o resgate da memória da instituição, uma vez que é por meio do tempo, das pessoas que por ela passaram, sejam como servidores, como alunos, como familiares e por meio dos trabalhos desenvolvidos que se construiu sua história.

Na busca da memória da escola foram colhidos depoimentos de servidores da Carreira Magistério (CM) e da Carreira Assistência à Educação (CAE), que trabalham na escola há mais de 20 anos e que, no caso de alguns, foram alunos do ensino fundamental, modalidade de início da escola, bem como o depoimento da professora executora do PIL. A servidora “M” relembra com carinho do primeiro dia que chegou à escola:

Cheguei aqui e fui bem recebida pelo diretor. Isso aconteceu a 25 anos. Não foi fácil ficar na escola. Os alunos são muito cruéis, afinal são adolescentes. Mas, assusta. Vi uma colega que era responsável por lavar os banheiros ser humilhada por ser preta por alunos rebeldes da escola. Vi os olhares de alguns professores que se achavam melhores que nós. Ficava pensando se numa escola isso era normal, se tudo isso era aceitável. Mas, passei por momentos de muitas felicidades também. Quando, por exemplo, o professor Fernando vinha em nossa defesa, pedia que conversássemos sobre nossas ansias e vontades. Ser visto, escutado é muito bom.

Uma antiga aluna, atualmente professora do quadro, “L”, apresenta um depoimento diferente de “M”, até mesmo por sua vivência ser outra. “L” afirma lembrar que à época de aluna era muito entusiasta:

Vim para o CED 03 quando aqui ainda tinha a 7ª e a 8ª séries, éramos todos adolescentes estudando com colegas no 2º Grau. Outro mundo outras visões. Havia embates, solicitações e mundo diferente. A escola era grande, os professores eram muitos, muitas disciplinas e o momento do país era de luta. Teve um dia que elegemos um diretor, isso foi no final dos anos 80, e a regional não aceitou o nosso diretor eleito. Nós, os estudantes fomos em passeata com faixas e grito de guerra devolver à regional o interventor de nossa escola. Essa política de educação participativa sempre foi um ideal nessa escola e é por isso que voltei para ela. Acredito em uma formação cidadã completa, construída em parceria e pelo debate.

Mesmo com os depoimentos postos acima o que se percebe é que em apenas alguns momentos, e momentos bem particulares, a cultura organizacional valoriza o conhecimento sobre a cultura em geral, mas a da população negra propriamente, essa não é valorizada ou mesmo identificada. Significa manter na invisibilidade os 52,17% de chefes de família que se declaram pretos e pardos, ou seja, metade das famílias da cidade. Consequentemente, seus familiares inseridos na realidade da unidade de ensino, provavelmente, não se sentem representados. Ou pior que isso, conforme relata “M”, desconsiderados e humilhados.

Tendo como base os dados apontados no Projeto Político Pedagógico do Centro de Ensino 03 do Gama e nas observações e depoimentos coletados no decorrer do desenvolvimento do PIL, foi possível observar que o índice de abandono da escola, no ensino médio, não melhorou nos últimos dois anos (2012 e 2013). E a taxa de evasão da EJA/EJAT é de 40%, como demonstrado na Tabela1. Provavelmente um dos fatores dessa ocorrência está na falta de qualidade das relações interpessoais na unidade escolar. Isso foi possível ser identificado por meio de observação e constatou-se que na escola existe manifestações de preconceito e discriminação envolvendo professores, funcionários e estudantes relacionadas à questão de raça-etnia. Conforme apontamos na introdução deste texto, termos de cunho pejorativos ou falas completas como por exemplo: “aquele negrinho do terceiro ano”, ou mesmo, “sua nega mal-educada” são constantemente utilizadas por alguns membros da comunidade escolar.

A ausência de conteúdos e atividades que explorem temas ligados ao pensamento e práticas dos jovens e adultos, que possibilitem sua expressão e valorizem o que têm a dizer, certamente pesam na decisão de abandonar os estudos. Um ambiente acolhedor e produtivo seria um fator positivo importante. Isto, no entanto, exige conhecimento, discussão e transformação das vivências no cotidiano, na construção de relações baseadas no respeito, na representação positiva e na colaboração. O Projeto elaborado para intervir na realidade vivenciada na EJA/EJAT- CEM 03 apresenta- se em dois momentos: um breve relato descritivo do processo de intervenção que vem a seguir, e uma análise preliminar dos dados e indicação para continuidade do Projeto, que será apresentada no Capítulo III.

Assim, o Projeto “Educação: importância de conhecer, discutir e transformar a vivência da diversidade étnico racial no ensino e aprendizagem da EJA/EJAT do CEM 03 Gama DF”, propôs o resgate e a valorização da vivência do aluno do EJAT e a importância da diversidade étnico-racial no processo de aquisição do saber, de formação do cidadão e



de reconhecimento de todo o processo. No desenvolvimento surgiram questões importantes como por exemplo:

- Como a vivência das relações étnico- raciais marcadas por manifestações de preconceito e discriminação, interfere no processo de ensino e aprendizagem dos alunos do EJA do CEM 03 Gama DF?
- Como os atores sociais da comunidade escolar, envolvidos na problemática se percebem nesse contexto?
- Como a não identificação com sua origem étnico-racial pode interferir no processo de aquisição dos conhecimentos e saberes?
- Como superar a dificuldade em relacionarem-se consigo, entre si e com a sociedade, pela falta de respeito, valorização e conhecimento recíproco?

Observa-se que esse contexto gera situações de constantes conflitos que constituem um ambiente de vivências negativas sobre si, o outro e a sociedade, prejudicando o avanço sistemático no processo de ensinar/ aprender e desenvolver-se integralmente com autonomia. No entanto, por meio das ações como os debates e a “roda de conversa” foi possível promover reflexão sobre a importância da vivência étnico-racial na formação. A partir da troca de experiências, por meio da fala, da auto identificação com essas experiências foi possível, também, evidenciar que o desrespeito nas convivências interfere no processo de ensino-aprendizagem que se caracteriza como ação conjunta, colaborativa. Além disto, quando a experienciada negativa inclui insultos, palavras de cunho pejorativo e comparações, podem proporcionar sentimentos de baixa autoestima, de marginalização e abandono dos estudos.

Ressaltamos que, como afirma Almeida (2012), quando pensamos em uma educação para jovens e adultos é preciso ter como prioridade a dimensão cognitiva que deve ser atendida, assim como a afetiva, que é vital para que estes alunos permaneçam na escola. Destacamos, também, a relevância em respeitar os saberes que esses sujeitos já trazem pelas muitas experiências que já vivenciaram. Contemplando essas necessidades será, então, possível que esse estudante se auto identifique e se valorize, o que facilitará sua emancipação e autonomia.

Porém, mesmo com os resultados positivos alcançados por meio do desenvolvimento do projeto, como por exemplo a participação da comunidade escolar e a aceitação de continuidade do projeto, é necessário que sejam trabalhadas outras questões. Questões como o conhecimento e valorização da história da população negra brasileira,

questões que englobam o conhecimento da Lei Federal nº 10.639/03, e principalmente, questões que envolvem a ética, o respeito e as relações interpessoais dentro da diversidade étnico- racial em toda a comunidade escolar. A tarefa é árdua, pois envolve reflexão, debate e mudança de atitude, mas é necessária e urgente.

### **CAPITULO III- O PROJETO DE INTERVENÇÃO: CONCEPÇÕES, RELATO DE EXPERIÊNCIA, CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

A diversidade na formação da população do Brasil deveria ser motivo de orgulho. Pluralidade cultural, social e religiosa. No entanto, traz consigo manifestação de preconceito e humilhação àquele que pode ser considerado “diferente” em relação a um setor da nação, a um grupo dominante ou a padrões e maneiras de viver ou categorias como gênero, grupo etário, raça/etnia e outros. Ressaltamos que a partir do momento que o indivíduo é humilhado, discriminado, agredido devido à cor de sua pele ele tem seus direitos constitucionais, seus direitos humanos violados. Mesmo com a promulgação da [Lei nº 10.639/03](#) abrindo possibilidades para a construção da igualdade e da desconstrução de atitudes e posturas discriminatórias no espaço escolar, ainda estamos caminhando a passos lentos.

No ambiente escolar, por exemplo, quando escutamos a fala de quem se sente perdido, com agonia de identidade ou mesmo quando há dificuldade de relacionamento e aprendizagem, esse momento pode revelar problemas na identidade étnico-racial como pano de fundo. Esse mesmo ambiente escolar não estimula a identidade negra. Aqui surgem novos questionamentos: Sem aceitação no espaço escolar e sem estímulo à sua identidade, estudar para quê? Com crianças, adolescentes e adultos negros, o que se faz para favorecer a construção de uma identidade positiva? Aqui destacamos que a educação também foi utilizada para construir preconceitos, mas ela pode e deve ser utilizada para a desconstrução social do preconceito e da discriminação étnico- racial. Afinal, como bem afirma Mandela (1995): “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem

aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar. ” ([Nelson Mandela](#) "Long Walk to Freedom", Nelson Mandela, 1995).

Na construção de sua identidade o indivíduo busca se localizar no tempo, espaço e história. Todos fazemos parte da construção da sociedade brasileira. Então, onde me localizo nessa sociedade? Me localizo no processo em que homens e mulheres se envolvem em trocas de significados com outras pessoas de diferentes faixas etárias, sexo, grupos sociais e étnico-raciais, experiências do conhecer que estão em contextos de culturas, de choque e trocas entre jeitos de ser, ver e viver, além das relações de poder permitidas e estabelecidas. (SILVA, 2007, p.185)

Como afirma Silva (2007) aprender-ensinar-aprender é um processo em que mulheres e homens ao longo de suas vidas fazem e refazem seus jeitos de ser, viver, pensar, os envolve em trocas de significados com outras pessoas de diferentes faixas etárias, sexo, grupos sociais e étnico-raciais, experiências de viver. Com o desenvolvimento do PIL no CEM 03 foi possível, também, executar de maneira diferenciada o mesmo projeto na turma do BIA – Bloco Inicial de Alfabetização- que a pesquisadora se encontra como regente. Abordar o tema da importância da vivência étnico- racial com alunos de 6 e 7 anos, em fase de formação traz um ganho imensurável. O próprio debate é diferenciado. É onde a máxima de Mandela se encaixa com perfeição e, assim, é possível ensinar a amar também. Ações como apresentar a cultura afro-brasileira, sua música, culinária, esporte, ao apresentarmos aos alunos sua história de superação e persistência eles puderam se identificar. Ao perceber que na sua árvore genealógica existe a presença de um parente negro o aluno se percebe como um cidadão negro também. Essa experiência foi compartilhada com todos da escola e a turminha apresentou uma cantiga em “*ioruba*”, usando “pano de cabeça”, e foram aplaudidos pelos demais alunos e equipe escolar. O nome dessa ação é “A beleza das cores: humana”.

Acreditamos que esse processo de conscientização, debate e conhecimento de sua história individual e social deva ter início nos primeiros anos de escolarização para que no futuro ele tenha aprendido valores como respeito, consciência e amor. Afinal, tratar de ensinamentos e de aprendizagens, é tratar de identidades, de conhecimentos que se situam em contextos de culturas, de choques e trocas entre jeitos de ser e viver, de relações de poder, também. (SILVA, 2007, p 188)

Segundo Petruccelli e Saboia (2013) há mais de dois mil anos já se observou sobre a diversidade na composição da humanidade em sociedade. Podemos citar como

observadores Heródoto (Século V a.C.), Plínio o Antigo (Século I a.C.) indo até a Estrabão e Ovídio (Século I a.C.- I d.C.). Esses pensadores, dentre outros, conjecturaram explicações sobre as possíveis causas desta diversidade chegando a classificar povos africanos, etíopes, tendo como base variadas características etnoculturais. Podemos citar: tipos de alimentação, a exemplo dos ictiófagos ou dos lotofagos; tipos de moradia, como os trogloditas, habitantes de cavernas, ou os nômades; hábitos de caça, ou até por serem os mais rápidos na corrida ou os maiores em tamanho.

A cor e o tom da pele do povo africano, de certo modo, encantava quem o via, mas desse encantamento, dessa diversidade também surgiu o medo do diferente. É o histórico do encontro com o outro diferente. Esse “medo” não provem unicamente das diferenças na maneira fenotípica, mas sobretudo das diferenças na maneira de viver e cultuar seus deuses, na relação com a natureza, nas formas de produzir a vida, nos sistemas de linguagens. E sobretudo, da incompatibilidade com as finalidades expansionistas e de domínio dos invasores que se tornam colonizadores de outros povos, usurpando seus territórios, riquezas naturais e identidades culturais.

Os negros habitantes do continente africano, que foram arrancados das suas comunidades não foram respeitados em seus vínculos familiares, em sua cultura e a partir de sua chegada no Brasil, além de perderem sua liberdade e condição humana foram tratados como objetos de trabalho e lucro. Esse tratamento era aplicado pelos colonizadores e, como afirma Mella (2015, p. 16), *“demonstrava o processo de coisificação, ou animalização a que o negro era submetido”*

O conceito de raça é conhecido há muito tempo e foi utilizado para justificar a utilização e exploração de mão de obra e a violência contra os africanos e nativos brasileiros a partir de uma visão preconceituosa e discriminatória de sub-raça em relação ao branco, o colonizador europeu. Conceitos com esse foco foram defendidos por filósofos como Kant e Hegel que no decorrer da história ainda influenciam e embasam preconceitos e discriminação étnico- racial. (MELLA, 2015, p. 18)

Para Santos (2007) existe dificuldade de reconhecimento e indiferença moral nas questões étnico-raciais, conseqüentemente, o maior problema é conseguirmos enxergar a prática do racismo e o processo de discriminação. Pelos dados vemos os resultados, mas não as ações individuais e/ou institucionais que discriminam os negros. Não se enxerga a prática racista, mas o resultado do racismo por meio de dados estatísticos oficiais e não oficiais. Discrimina-se os negros, mas se resiste a reconhecer a discriminação racial que se pratica contra esse grupo racial. A indiferença moral em relação ao destino social dos

indivíduos negros é tão generalizada que não ficamos constrangidos com a constatação das desigualdades raciais brasileiras. (SANTOS, 2007, p. 19)

Racismo, para esse autor, é um derivado de raça, e ressalta que não existem raças, visto que a biologia contemporânea nega a existência de raças humanas. Assim, raça não é uma realidade natural, não estabelece hierarquias naturais entre os seres humanos, bem como as características biológicas de um determinado ser humano não determinam as suas características culturais, sociais, políticas e psicológicas/intelectuais, entre outras. No entanto, não se deve esquecer que até a 2ª Guerra Mundial a ideia de raça ainda era legitimada pela ciência, embora não houvesse nenhum critério verdadeiramente científico que comprovasse a existência de raças. Após vários estudos em biologia concluiu-se que não havia várias raças humanas, mas uma única raça, a humana.

Embora não existindo o conceito de raça biologicamente, o racismo, no entanto, é conceituado pelas pessoas que fazem uso de classificações sociais e raciais no seu dia-a-dia. Ou seja, as pessoas passaram a crer que existiam e/ou existem raças diferentes (como por exemplo: a branca, a preta, a parda, a amarela e a indígena, que são as classificações utilizadas oficialmente pelo Estado brasileiro) e, mais do que isto, desiguais, até mesmo porque conseguem fazer uso descritivo desta palavra através do fenótipo das pessoas, entre outras distinções reais ou imaginárias. Assim, embora a raça não exista cientificamente, ela existe socialmente. (SANTOS, 2007, p. 19)

Ao povo negro africano, escravizado no Brasil, foi negado a condição humana e quando se observam atitudes, ações preconceituosas e de discriminação racial na atualidade, volta-se a negar-lhe a condição de ser humano, expressa na condição de cidadão e no acesso aos direitos e prerrogativas da cidadania.

A constatação da diversidade humana, erige-se fortemente nas navegações documentadas desde o início da época moderna, ao propiciar o encontro entre povos e nações muito diferenciadas. Por meio desses encontros propiciados pelas navegações e pelo processo de colonização, derivaram-se relações de poder e dominação em relação aos povos submetidos nos processos de conquista. Assim, a ideia de raça se torna o mais eficaz instrumento de dominação social inventado nos últimos 500 anos. (PETRUCCELLI & SABOIA, 2013)

Todavia, o preconceito contra o outro é tão antigo quanto a própria história da humanidade. Imputa ao outro e fixa-se nele uma condição “natural” insuperável de uma inferioridade intrínseca que impediria a possibilidade de conversão, assimilação ou

aprendizado. Como afirma Silva (2003), o preconceito é um prévio julgamento com fatores negativos evidenciado quanto a membros de um grupo racial, uma etnia ou de uma religião ou até de pessoas que ocupam outro papel social significativo. Esse julgamento tem como característica principal a inflexibilidade e por vezes vem com agressividade e discriminação. Ele inclui a concepção que o indivíduo tem de si mesmo, e também do outro dentro de um contexto, ou mesmo tomando para si exemplos testemunhados e, com isso, aprendido.

O preconceito como atitude não é inato. Não se nasce preconceituoso. Ele é aprendido socialmente. No decorrer de nossa formação cumprimos uma longa trajetória de socialização que vai da família, religião, amigos, se prolonga e chega a vida profissional. Isso nos leva a refletir que os primeiros julgamentos raciais apresentados pelas crianças são frutos do seu contato com o mundo adulto. Isso pode ser reforçado à medida que se vai convivendo em um mundo que coloca o exemplo constante do trato negativo aos negros, aos índios, às mulheres, aos homossexuais, aos idosos, dentre outras situações e formas de diferenças humanas.

Ressaltamos, também, que discriminar pode ser considerado como a prática do racismo e a efetivação do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam.

A perpetuação do preconceito racial em nosso país revela a existência de um sistema social racista que possui mecanismos para operar as desigualdades raciais dentro da sociedade. Por isso, faz-se necessário discutirmos a superação do preconceito, juntamente com as formas de superação do racismo e da discriminação racial, pois estes três processos “se realimentam mutuamente, embora difiram um pouco entre si. O racismo, como doutrina da supremacia racial, se apresenta como a fonte principal do preconceito racial” (BENTES, 1993 *apud* SILVA, 2003, p.187).

No desenvolver das ações do Projeto (PIL) e em busca de possíveis soluções para a problemática foi possível contar com os envolvidos na situação problema a comunidade escolar do CEM 03 Gama DF. Considerando que a educação pode ser caminho para mudanças e correção de distorções sócio culturais, a proposta do PIL é prosseguir pensando esse caminho propondo um novo olhar. O conhecer antigo, o caminho que conduziu a segregação de uma camada expressiva da sociedade por sua desvalorização, falta de identificação e, também, pela ocultação e marginalização de sua história, pode ser reformulado e atualizado segundo uma visão descolonizadora do currículo. (GOMES, 2012, p. 34)

Para essa autora no contexto que se encontra, a demanda curricular de introdução obrigatória do ensino de História da África e das culturas africana e afro-brasileira nas escolas da educação básica exige mudança de práticas e descolonização dos currículos, da educação infantil ao ensino superior, em relação à África e aos afro-brasileiros. São mudanças de representação e de práticas, como por exemplo, das representações da população negra nos livros didáticos. Afinal, descolonizar os currículos é o principal mais um desafio atual para a educação escolar. Existe a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos. Sem isto, a qualidade do ensino não avança. A autora discute esta exigência no processo de diversificação da produção de conhecimento no interior das ciências.

Assim, com o desenvolvimento do Projeto de Intervenção Local – PIL foi possível iniciar uma discussão que levantou perguntas: Como a vivência das relações étnico- raciais marcadas por manifestações de preconceito e discriminação, interfere no processo de ensino- aprendizagem dos alunos da EJA do CEM 03 Gama DF? Como os participantes dessa comunidade escolar, envolvidos na vida da escola problemática se percebem nesse contexto? Como uma frágil identificação de origem étnico-racial e de classe social pode interferir no processo de aquisição de conhecimentos e saberes? Como superar as dificuldades de desenvolvimento integral de si e do coletivo?

Pautando-se nessas concepções e questões levantadas a proposta de intervenção local abordou o tema da Educação e a importância de conhecer, discutir e transformar a vivência da diversidade étnico-racial no ensino-aprendizagem da EJA/EJAT, no CEM 03 Gama DF. A finalidade foi propor o resgate e a valorização da vivência dos alunos jovens e adultos na perspectiva da diversidade, especialmente das identidades de origem racial e lugar social, no processo de aquisição do saber, de construção de cidadania e de reconhecimento de seu protagonismo nesse processo.

## PROJETO DE INTERVENÇÃO LOCAL

### 1. Dados de Identificação do Proponente

Nome

Laudicéia Teixeira Lemos

Informação para contato

email: [laulemos@hotmail.com](mailto:laulemos@hotmail.com)/ [laulemos11@gmail.com](mailto:laulemos11@gmail.com)

Telefones: (61) 99320171 e 95037593

### 2. Dados de Identificação do Projeto de Intervenção

Título: Educação: Importância de conhecer, discutir e transformar a vivência da diversidade étnico-racial no ensino-aprendizagem da EJA do CEM 03 Gama DF.

Área de abrangência:

( ) Nacional ( ) Regional ( ) Estadual ( ) Municipal ( ) Distrital ( X ) Local

Instituição:

Nome: Centro de Ensino Médio 03 do Gama

Endereço: Entre quadra 5/11 – Área Especial “F” – Setor Sul – Gama Brasília –  
Distrito Federal - CEP 724.101-15.



Instância institucional de decisão:

Governo: ( ) Estadual ( ) Municipal ( X ) DF

Secretaria de Educação: ( ) Estadual ( ) Municipal ( X ) DF

Conselho de Educação: ( ) Estadual ( ) Municipal ( X ) DF

Fórum de Educação: ( ) Estadual ( ) Municipal ( X ) DF

Escola: ( X ) Conselho Escolar

### 3 Objetivos

Objetivo Geral:

Evidenciar como a diversidade étnico-racial e a vivência dessa diversidade, interfere no processo de ensino-aprendizagem dos alunos da EJA/EJAT.

Objetivos específicos:

- Promover a reflexão sobre a importância da vivência étnico-racial na formação cidadã;
- Desenvolver processos e metodologias para o conhecimento e novas vivências na comunidade escolar;
- Promover debate junto aos alunos da EJA/EJAT sobre a diversidade social e cultural que constitui a sua realidade local e regional.

#### 4. Cronograma das Atividades do PIL

Mês	Período	Ação/ Atividade	Participantes	Local
Abril/ 2015	Coordenação  Noturno  Horário:  20:00 às 21:30	Apresentamos o projeto junto à equipe escolar.  A equipe após apreciação aprovou as ações.	Comunidade Escolar: Professores, servidores e direção.	Direção, Sala da coordenação e Sala dos professores.
Maio e Junho/2015		Nesses meses foram desenvolvidas as atividades junto à comunidade escolar:  - Pesquisa/Questionário com os alunos e equipe escolar;  - Debate sobre diversidade étnico racial e a vivência dessa diversidade (Roda de Conversa	Alunos do EJA e Comunidade Escolar	CEM 03 Gama Auditório

		Aberta);  - Debate aberto junto à comunidade escolar sobre o tema: Importância da diversidade étnico racial e da vivência dessa diversidade no processo de ensino e aprendizagem e formação cidadã;		
<b>Julho/2015</b>	Noturno  Horário:  20:00 às 21:30	Aconteceu a última “Roda de Conversa” com o objetivo de promover a Avaliação reflexiva da comunidade escolar acerca dos encontros e do possível desenvolvimento da proposta em momentos posteriores.	Alunos do EJA e Comunidade Escolar	CEM 03 Gama  Auditório

TABELA 2 – Cronograma das atividades do PIL

## 5. Acompanhamento e Avaliação

O propósito do desenvolvimento do PIL foi deixar evidente que a diversidade étnico-racial, e a vivência dessa diversidade, interfere no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da EJA/EJAT, bem como promover a reflexão sobre a importância desta vivência na formação cidadã, e o debate junto aos alunos dessa modalidade de ensino acerca de suas realidades dentro destas condições.

A avaliação das ações executadas aconteceram no decorrer das atividades para identificar as disfunções e corrigi-las. Participaram do processo de avaliação os responsáveis pelo projeto e a comunidade escolar presente. O registro aconteceu em forma de depoimento verbal ou escrito nas rodas de conversas. Foi possível constatar que os objetivos delineados no projeto foram alcançados e que a comunidade deseja manter as ações em momentos futuros na escola e em suas comunidades para aprofundar questões apenas apontadas e sobretudo, para pensar o “como Fazer” para mudar a convivência.

No relato que segue, constrói-se uma análise reflexiva com base nos registros das observações que foram possíveis em depoimentos recolhidos nos encontros, e no acompanhamento de todas as atividades.

Ao iniciar as ações do previstas no PIL surgiram dificuldades como por exemplo a resistência na aceitação do projeto pela equipe escolar. Entendemos que essa resistência

diante da proposta de debate traz em si uma dificuldade para investigar uma situação problema tão visível na comunidade. E que requer mudança de atitudes e comportamentos quando esta for devidamente comprovada. Foi o que realmente aconteceu. Com os estudos realizados e a fundamentação adquirida no processo e na vivência em torno da concepção da Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede na Diversidade (CTARD) em EJA, que consiste no envolvimento de todos numa rede de trabalho e aprendizagem em cooperação no percurso (PER-CURSO) formativo, foi possível irmos sanando essas dificuldades apresentadas tanto na elaboração do PIL como em sua execução. Observamos que, ao solicitarmos o espaço para desenvolvermos o projeto, deparamos com a resistência natural da comunidade em falar sobre o tema da importância da diversidade étnico-racial e sua vivência no ensino-aprendizagem da EJA. Porém, assim que começamos a desenvolver as ações apontadas no cronograma essas barreiras foram transpostas gradativamente.

Buscamos a construção de uma educação emancipadora que exige ousadia, e ousamos chamar a todos para esse debate reflexivo, norteados pelas questões já exaustivamente formuladas ao longo deste trabalho e que constituem o foco das reflexões sobre a importância de trabalhar o tema citado no parágrafo anterior. Em 2014 o centro de ensino realizou uma enquete com os alunos do EJA/EJAT durante a culminância do projeto "Cada Um de Nós". Essa enquete teve como propósito conhecer os interesses e expectativas desses estudantes. A tabela abaixo mostra os dados da enquete.

ENQUETE - DADOS LEVANTADOS EM 05/12/2014									
	Repetiu várias vezes	Não quis estudar	Parou de estudar	Trabalho diurno	Mais ágil de terminar	Depressão	Faltam poucas matérias	Rendimento no matutino	TOTAL
Porque você está matriculado na EJA ?	23	2	44	12	7	1	2	3	94
	Vestibular	Concurso	Curso técnico	Progressão no emprego	Concluir o ensino médio				
O que você espera conseguir quando concluir a EJA ?	43	31	8	10	6				98
	Administração	Contabilidade	Informática	Edificação	Eletrônica	Enfermagem			
Se a EJA oferecer nos próximos anos a Educação Profissional, qual dos cursos abaixo listados você gostaria que o CEM 03 do Gama disponibilizasse ?	48	13	14	2	10	2			89

TABELA 3 – Enquete

Na enquete podemos observar que dos participantes na pesquisa uma representação significativa deseja concluir os estudos na EJA/EJAT e que almejam participar do vestibular e continuar na caminhada acadêmica. No entanto, o maior interesse é na área técnica, na administração e no passar em concurso. O que destaca o interesse em conseguir uma empregabilidade melhor. Podemos observar, também, que o ingresso na EJA/ EJAT se deu por que pararam de estudar anteriormente e que desejam que essa modalidade de ensino possa disponibilizar capacitação técnica profissional. Essa enquete auxiliou nos primeiros passos do desenvolvimento do PIL, pois apresenta uma breve visão da clientela atendida na comunidade escolar nessa modalidade de ensino e suas expectativas de futuro.

Nesse percurso procurou-se, também, respaldar as considerações nas experiências, nas práticas pedagógicas e no aprendizado conquistado em torno da concepção da Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede na Diversidade (CTARD) em EJA/EJAT, que para sustentar o percurso da formação. Assim, discutiu-se o texto CONAE – 2014. O texto afirma que independentemente dos avanços na área de direitos, o panorama brasileiro continua apresentando desigualdades consideráveis acerca do acesso, qualidade e permanência de estudantes, em todos os níveis e etapas. O que se verifica na Educação de Jovens e Adultos. Mesmo quando determinado grupo consegue o acesso e a permanência, a educação pela e para a diversidade e buscando a qualidade adequada está longe de ser alcançada. Trabalhar a semana da Consciência Negra nas escolas no dia 20 de novembro – Dia Nacional da Consciência Negra não é o bastante. Lembremos que todos os dias deveriam ser de consciência negra, branca, indígena, mestiça, e que o estudante tem direito à formação integral, por meio da garantia da universalização, da expansão e da democratização, com qualidade. Quanto à modalidade EJA/EJAT e suas especificidades, destaque-se que é uma modalidade cujos estudantes trazem suas vivências e formas especiais de conhecimento para partilhar com os demais.

O reconhecimento e valorização dessas vivências e de sua diversidade, com vistas à superação da segregação do cidadão que se reconhece em uma delas é uma missão, conforme explicado no texto mencionado acima. Na realidade vivenciada na prática pedagógica a diversidade deveria ser entendida como a construção histórica, social, cultural e política das diferenças que se expressa nas complexas relações sociais e de poder. O fazer pedagógico, por vezes fragmentado, deixa de fazer essa construção, basta observar uma unidade contextual do trabalho escolar que torna o processo efetivo. Afinal, a educação pode fazer da diversidade um exercício de prática democrática que torna possível uma sociedade igualitária.

Por exemplo, quando foi abordado a Introdução Conceitual para a Educação na Diversidade e Cidadania, e o Documentário “O Povo Brasileiro” baseado no livro de mesmo título de Darcy Ribeiro, foi possível refletirmos a relação de povo brasileiro. A identidade individual e cidadã enquanto brasileira na diversidade teve início, segundo minhas memórias educativas, no seio familiar na prática do senso comum. No entanto, nesse processo não vislumbrava chegar até aqui com conceitos e formação acadêmica.

“Sou a sombra do início de minha caminhada educativa que, como citado, teve seu princípio no seio familiar, pleno de diversidade. Explico. Na constituição familiar a miscigenação era evidente, no entanto, no processo educativo minha formação e constituição enquanto ser humano e cidadã não foi vislumbrada. Sou filha de mãe mestiça (origem europeia e indígena) e pai mestiço (origem negra e

européia) de princípios sócio culturais e históricos bem enraizados. Além de uma cultura materna do povo cigano e paterna do berço africano em casa, no lar, onde os genitores tinham a tendência de valorizar suas culturas e tradições individuais, não percebendo a interferência desse processo na formação diversificada do seu clã. Na escola, bem na escola, tanto uma quanto a outra origem eram párias de um estado em formação. Para ter oportunidade, à época, era preciso ter as características da não miscigenação. E como perceber o valor dessa miscigenação se nos contavam as histórias de terror de minha formação étnica? Não que esta não seja também importante, mas veja: se me convencem que sou lobo, mesmo vivendo entre bípedes, serei eu lobo.” (Relato da pesquisadora)

Com esse depoimento, ilustro a importância de pensar com conceitos refletindo as próprias vivências. Paulo Freire (1982) afirma que “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”. Onde o processo e a prática pedagógica têm avançado para que essa máxima não vingue? Percebemos no desenvolver das ações, relatos e falas dos participantes dos debates e roda de conversas do PIL, que ainda existe, (*e existia também em mim*), o desejo imenso de pertencer, de escolha no pertencer. Mas, quais as opções de escolha? “*De minha origem do povo cigano trago a inquietude e os questionamentos, de minha origem negra o respeito às tradições e a história, e de minha origem indígena o respeito e amor a natureza*”. No entanto, toda essa percepção foi sistematizada na escola, mesmo com as falhas ou por causa delas, e nos desafios propostos pelo convívio da diversidade familiar e escolar.

Portanto, como o mundo se reinventa a educação em seu processo agrega e evolui. Inventar o Brasil que queremos, como afirma o documentário “O Povo Brasileiro”, vai além de seu nascimento ou surgimento. O povo brasileiro tem sua formação em uma diversidade de povos, isso fica evidente na sua configuração histórica, cultural e econômica. Somos um povo formado de misturas sincréticas, identidades em construção, com passado histórico. O que pode ser confirmado por minhas, e de outrem, memórias educativas. Memórias que recriam muitos passados e identidades ainda não reconhecidas. Pois, se é, então, na diversidade que esse povo se identifica e se iguala seja esta sua bandeira de crescimento, respeito e evolução. Que esse povo construa, agregue e evolua. O entendimento do que é pertencer e, escolha no pertencer, aprendemos no convívio escolar e nos grupos formados na vida escolar. No entanto, questões de preconceito étnico-racial, religioso, dentre outros, marcam as relações, pois ainda não estamos conscientes de uma liberdade conceitual e prática que nos responsabiliza pelas mudanças necessárias.

As principais atividades desenvolvidas no Projeto de Intervenção Local foram: apresentação do PIL junto à equipe escolar para apreciação; desenvolvimento das atividades junto à comunidade escolar: pesquisa/questionário com os alunos e equipe

escolar; debates sobre diversidade étnico-racial e a vivência dessa diversidade (Roda de Conversa Aberta); debate aberto junto à comunidade escolar sobre o tema: importância da diversidade étnico-racial e da vivência dessa diversidade no processo de ensino e aprendizagem e formação cidadã; avaliação reflexiva do processo pela comunidade escolar.

Depois do apoio da equipe de gestão e professores, foi observada a resistência dos alunos em participar das ações desenvolvidas. No entanto, cada ação teve efetiva participação dos presentes nos encontros e um nível satisfatório. Para a pesquisa/questionário foram entregues aproximadamente cinquenta (50) folhas para os alunos e equipe escolar. A entrega foi aleatória e das cinquenta (50) folhas entregues apenas vinte e sete (27) foram recolhidas, o que considerou-se um bom retorno.

A Pesquisa/Questionário constava das seguintes inquirições:

1. Você se identifica em qual recorte étnico- racial?
2. Em que momento você se percebeu nesse recorte?
3. Caso se identifique como negro qual sua história, descendência e lutas?
4. Quais as dificuldades que você, enquanto cidadão, percebe na comunidade negra da sociedade local?
5. O que poderia ser feito para resgatar ou reconstruir a valorização sócio- cultural da população negra?

No estudo elencado pelos questionamentos foi possível observar que, mesmo sendo evidentes as características físicas das pessoas negras estas não se identificam como tal de maneira geral. Em um dos momentos mais instigantes do desenvolvimento do PIL, no debate sobre diversidade étnico-racial e a vivência dessa diversidade, selecionamos o relato de um aluno da EJA da escola que aqui chamaremos de “Y”. “Y” afirma que:

“Durante certo período da minha vida não me aceitei como negro, pois a sociedade nos marginaliza a ponto de não querermos ser o que somos, porém nasci (fora texto: acho um significado tão grande para uma palavra tão pequena ‘nascer’) e fui criado em uma comunidade tradicional de matriz africana e com o tempo fui desconstruindo alguns valores criados pela sociedade passando a reconhecer e valorizar minha cor, conseqüentemente me tornei militante em busca de uma sociedade mais igualitária, onde nossas capacidades não sejam julgadas visualmente. Acredito que é um trabalho a ser realizado por ambos os lados, o negro tem que se reconhecer e valorizar e do mesmo jeito a sociedade tem que o



reconhecer e valorizar pois as individualidades vem a somar. Foi iniciado meu processo de conhecimento no ambiente escolar. Em perceber que eu não me aceitava, via que eu também não era aceito em minha história e verdades. Seu bisneto de uma negra escravizada e hoje falo isso. Não tenho orgulho de descender de um humano escravizado, mas me orgulho de nossa história de luta e resistência”.

Em nossos encontros e rodas de conversas “Y” sempre foi muito ativo e afirmava que o poder da educação é transformar realidades. Essa fala de “Y” veio de encontro ao que afirma Freire (2003) quando este evidencia que uma prática educativa libertadora que valoriza o exercício da vontade, da decisão, da resistência, da escolha, o papel das emoções, dos sentimentos, dos desejos, dos limites, a importância da consciência na história, o sentido ético da presença humana no mundo, a compreensão da história como possibilidade jamais como determinação, é substantivamente esperançosa e, por isso mesmo, provocadora da esperança. (FREIRE, 2003, p. 95)

Essa vivência, esse relato e outros, emocionaram a todos os presentes e surgiu a promessa de que tais ações de valorização, auto identificação histórica e social seriam promovidas em outros momentos na comunidade escolar. Todo esse fazer pedagógico é transformador. É o repensar da história e das pessoas como agentes ativos dessa história. Outro aluno da EJA “A” afirma em seu depoimento que:

“Sim, sou negro! Na verdade, essa consciência veio tarde, somente com 20 anos. Antes disso eu me considerava moreno, mas como ‘moreno’ não é cor eu me declarava pardo. Por uma série de fatores, mesmo vindo de família negra eu não me via negro, para mim negro era só o Pelé...hoje eu sinto vergonha disso, mas isso vai além de minha criação, vem de da ausência de conhecimento. Quem me dera quando criança ter o conhecimento de hoje. A história é longa...eu comecei no meio dos estudos tentar entender o porquê que eu era o segundo negro na minha sala, e comecei a ler sobre a tal cotas raciais da universidade, aí eu fui ler sobre os movimentos sociais, mas não quis entrar, pois achei muito radical o movimento negro. Meses depois fiquei sabendo que uma criança foi impedida de entrar na escola em Minas Gerais, por estar trajada como candomblecista, me senti na obrigação de fazer algo para que no DF isso não acontecesse o mesmo...e após algum tempo fui conhecendo os movimentos. Mas a princípio era para militar somente pela juventude das comunidades tradicionais de terreiro ou juventude de terreira, mas nesse momento veio uma serie de questionamento...e descobri que minha religião era mais negra do que eu sabia. Só que não tem como fala de movimento de defesa aos terreiros sem falar de movimento negro, os dois estão automaticamente ligados...pois intolerante religioso é o mesmo racista...e em alguns casos é o mesmo que homofóbico”.

Com as atividades realizadas foi possível sensibilizar a comunidade escolar acerca do tema e existe por parte dessa comunidade a pretensão de continuidade do diálogo, refletindo sobre as interações, visando a cooperação de todos no processo.

No processo entre a elaboração do PIL e sua execução eu buscava, também, por minha identidade étnico-racial e religiosa. Todo o processo foi vivenciado de maneira intensa por mim. Afirmei, nos encontros, que no processo de reconhecimento de minha ancestralidade, de valorização da minha história enquanto ser humano não pude deixar de vivenciar e aprender sobre a cultura de um povo que agora, também, me reconheço nele. Estou aprendendo a ser negra por ter minha ancestralidade genealógica nessa raiz, meu pai era negro. Estou aprendendo a ser candomblecista por que essa religiosidade me chamou, aceitou e ensina. Estou aprendendo a reconhecer e conhecer minha história. Minha ancestralidade mostra uma fonte inesgotável de saberes que envolve luta, respeito aos mais velhos, respeito a natureza, à vida e ao seu ciclo. Aprendi, ou melhor, estou aprendendo a respeitar a 'deusa' e o 'deus' que existe em mim e que existe em você".

Os encontros foram sempre muito participativos e surgiu o desejo que esse projeto continue tanto na escola quanto na comunidade. Por meio do diálogo, dos debates, foi possível reconstruir valores e identificar histórias. Esperamos que as representações presentes levem para suas comunidades essa ideia. E podemos afirmar que os objetivos foram alcançados, embora o processo de conhecimento e transformação das vivências oportunizadas no Centro de Ensino esteja apenas iniciando.

O objetivo principal alcançado no desenvolvimento do Projeto de Intervenção Local foi deixar evidente o quanto a diversidade étnico-racial e a vivência dessa diversidade, interfere no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes da EJA/EJAT, demonstrando a importância de conhecer, discutir e transformar as formas de convivência nas atividades que dão sustentação ao de ensino- aprendizagem.

Nesse sentido, foi possível repensar o caminho da construção histórica de conceitos e valores acerca do tema. Observamos que para justificar a política escravagista, no passado da história, se inferiorizava a população de trabalhadores e famílias negras. Essa estratégia resultou na construção de uma imagem desumanizada e na fragmentação de suas identidades enquanto originários de diferentes povos e etnias. Todo esse processo deixou herança na representação desse segmento na sociedade atual, onde se observam estigmas e estereótipos desqualificadores. Afirmar, por exemplo que todo negro é incompetente, preguiçoso e indolente, malandros, sujos, marginais, são fatos que mantêm e reproduzem o racismo, o preconceito e a discriminação. As emoções e sentimentos de inferioridade e de não pertencimento na sociedade humana, a exclusão e marginalização, são responsáveis pelo agravamento de dificuldade no processo de ensino-aprendizagem e na inserção profissional.

Destacamos que no país existe o racismo, a discriminação e o preconceito velado, e que uma pessoa negra conhece a discriminação desde seus primeiros anos de vida, sem que nunca o outro lado se questione ou se preocupe. Às vezes a própria escola pode tornar-se um espaço de exclusão. Podemos citar como exemplo a maneira pela qual a história do povo negro brasileiro foi contada, a maneira pela qual o negro é representado nos livros didáticos e na mídia, submisso e servil, sem vontade, necessidade ou participação efetiva ou mesmo pelos apelidos colocados pelos colegas brancos: “macaco, piche, cabelo ruim”, dentre outros.

A Lei 10.639/2003 foi um avanço e depende de esforços e investimentos para ser implementada nas escolas. É preciso conhecer, discutir e transformar toda essa vivência pelos envolvidos, por toda sociedade, especialmente qualificar os professores, pois acreditamos de fato que esse processo tem seu início na escola, no meio educativo. A partir do momento em que chamamos a sociedade, as comunidades desde pequenos para o debate, passamos a interferir e propor mudanças. Foi o que pode ser observado no desenvolver das ações do projeto. Com esse fazer em ações planejadas as transformações sociais podem acontecer de maneira efetiva, na medida em que todos os envolvidos começam a compreender a riqueza da diversidade étnico-racial e das outras categorias de diferenças que nos caracterizam como humanos.

Considera-se que todo fazer pedagógico foi transformador, naquele espaço e tempo do Projeto, e os que se envolveram foram os agentes ativos dessa história. Assim, as ações de debate para reflexão sobre a importância da vivência étnico-racial, auxiliam na formação cidadã e desenvolvem processos e metodologias, conhecimentos e novas vivências na comunidade escolar. Podemos afirmar que os propósitos foram alcançados e que existe por parte da comunidade um interesse concreto que as ações desenvolvidas no PIL sejam uma constante no Centro de Ensino, na comunidade interna e no entorno dela.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. R. **Afetividade, Aprendizagem e Educação de Jovens e Adultos**. 1 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

ARROYO, M. **Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidades públicas**. In: GIOVANETTI, Maria Amélia, GOMES, Nilma Lino e Soares, Leôncio (Orgs). *Diálogo na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte, Auêntica, 2006.

ARROYO, Miguel. **Construção da proposta político- pedagógica da rede municipal de Belo Horizonte**. In: *Espaços da escola*. Ano 4, n. 13. Ijuí, Unijuí, 1994.

CANDAU, Vera Maria. **Educação em Direitos Humanos: desafios atuais**. In GODOY, Rosa Maria. *Educação e Direitos Humanos: fundamentos teóricos -metodológicos*. Brasília: SEDH, 2010.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Vol. 1, 5ª ed, 2004.

Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro brasileira e africana*. Brasília, MEC/CNE, 2004.

DIAS, Juliana Braz; LOBO, Andréa de Souza. **África em movimento**. Brasília ABA Publicações, 2012.

DISTRITO FEDERAL. *Currículo em Movimento da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEDF)*. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Subsecretaria de Educação Básica. 2013.

DISTRITO FEDERAL. *Diretrizes de Avaliação Educacional da SEDF*. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Subsecretaria de Educação Básica (SUBEB) e Subsecretaria de Planejamento e Avaliação (SUPLAV). 2013.

DISTRITO FEDERAL. *Projeto Político Pedagógico Professor Carlos Mota da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal*. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Subsecretaria de Educação Básica. 2013.

DISTRITO FEDERAL. *Lei nº 4.751, de 07 de fevereiro de 2012, que dispõe sobre o Sistema de Ensino e a Gestão Democrática do Sistema de Ensino Público do Distrito Federal*. Câmara Legislativa do Distrito Federal. 2012.

Documento Final da CONAE-2014 (29/01/2015)

FIGUEIRA, Vera Moreira. **O preconceito racial na escola**. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, n. 18, mai, p. 63-71. 1990.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_, **Conscientização: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3ª ed.; São Paulo: Centauro, 2006.

\_\_\_\_\_, **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. (Coleção Leitura)

\_\_\_\_\_, **Pedagogia do Oprimido**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. & HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. 4 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

FREIRE, P. & GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história**. Vol. 1. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo e NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Atmed, 1997.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e Diversidade Étnico-Cultural**. In: Diversidade na Educação da diversidade. In: GOMES, NilmanLino & GONÇALVES e SILVA, Petronilha Beatriz (Orgs). Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira & SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **O multiculturalismo e seus contextos**. Belo Horizonte; Autêntica, 3ª. Ed., 2001.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.) **Geral da África**. Tomo I. São Paulo: Ática/Paris: UNESCO, 1980.

MELLA, José Villar. **Anotações históricas introdutórias: sobre o conceito de raça e sobre a trajetória dos negros no Brasil**. Texto de trabalho s/d cedido pelo autor. Disponível em PDF. (5p.). Disponível em: [http://ctareja.fe.unb.br/ava2014/pluginfile.php/257/mod\\_page/content/20/Anota%C3%A7%C3%B5es%20introdut%C3%B3rias%20da%20trajet%C3%B3ria%20hist%C3%B3rica%20dos%20negros%20no%20Brasil%20-%20Jos%C3%A9%20Villar%20Mella.pdf](http://ctareja.fe.unb.br/ava2014/pluginfile.php/257/mod_page/content/20/Anota%C3%A7%C3%B5es%20introdut%C3%B3rias%20da%20trajet%C3%B3ria%20hist%C3%B3rica%20dos%20negros%20no%20Brasil%20-%20Jos%C3%A9%20Villar%20Mella.pdf)

MORIN, Edgar: **A vida da vida**. 2ª. Ed. Publicações Europa-América, 1980.

MULLER, Maria Lucia R. (Org). **Trabalhando as diferenças no Ensino Fundamental** – Cuiabá, v.01, nº1, Jan. - Jun. 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In: BRANDÃO, André Augusto P. (Org.) Niterói: UFF. Cadernos 3, 2004, p. 15-35.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e Sentidos**, 2ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

OLIVEIRA, Mariza Bueno. **Combate à Discriminação e à Violência contra Afrodescendentes no Ambiente Escolar de Educação de Jovens e Adultos**. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com ênfase em EJA – 2014 - Faculdade de Educação da Universidade de Brasília- DF. Julho/ 2010.

PETRUCCELLI, José Luis; SABOIA, Ana Lucia. **Características Étnico-raciais da População Classificações e Identidades**. Diretoria de Pesquisas Coordenação de População e Indicadores Sociais Estudos e Análises Informação Demográfica e Socioeconômica. IBGE. Rio de Janeiro, 2013.

POLLACK, Michael. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Vol. 2. No. 3. Rio de Janeiro, 1989, p. 03-15.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DOCENTRO DE ENSINO MÉDIO Nº 03 DO GAMA. Gama, Brasília, Distrito Federal. 2012 – 2015

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil**. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

RIBEIRO, V.M.M (Org). **Educação de Jovens e Adultos: ensino fundamental: proposta curricular - 1º segmento** - São Paulo: Ação Educativa: Brasília: MEC, 2001.

RODRIGUES, Gabriela Martos; PEREIRA, Luzinete Assencio: **Gênero e Diversidade na Alfabetização de Jovens e Adultos para Superar Preconceitos**. PIL. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com ênfase em EJA – 2014 - Faculdade de Educação da Universidade de Brasília- DF. Abril/ 2014.

SANT'ANA, Antonio Olímpio. **História e conceitos básicos sobre racismo e seus derivados**. In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo no Brasil. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Fundamental, 2004, p. 39-67.

SANTOS, Hélio. **Discriminação Racial no Brasil**. In: SABÓIA, Gilberto Vergne (org.). Brasília: Ministério da Justiça, 2001.

SANTOS, Sales Augusto dos. Movimentos negros, educação e ações afirmativas. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília (UnB), Brasília, jun. 2007.

SANTOS, Sales Augusto. **Racismo, discriminação e preconceitos**. Salto para o futuro/TVEscola. [www.TVEBrasil.com.br/Salto](http://www.TVEBrasil.com.br/Salto). (6p.) Disponível em: [http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/texto\\_2\\_-\\_SANTOS S. A Racismo discriminacao e preconceitos%20b2.pdf](http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/texto_2_-_SANTOS_S.A_Racismo_discriminacao_e_preconceitos%20b2.pdf)

SANTOS, Sales Augusto. **Revist. TST**. Brasília, Vol. 76 nº 3, jul/set, 2010.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos**. In: BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves & SILVÉRIO, Valter Roberto (Orgs.). De preto a afrodescendente: trajetórias de pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil. Brasília, UNESCO/São Carlos, EdUFSCar, 2003, p.181-197.

VEIGA, Ilma P. A. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva**. In: VEIGA, Ilma P. A. (org.). Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: Papirus, 1996.

Vídeo: Três Matrizes Tupi (26min.), Lusa (26min.), Afro(26min.) e Encontros e Desencontros (25min.) LINK: <http://rcristo.com.br/2013/03/17/o-povo-brasileiro-documentario-completo-capitulos-01-a-10/>.

<http://www.gama.df.gov.br/sobre-a-ra/conheca-ra.html>

(<http://www.ebc.com.br/infantil/ja-sou-grande/galeria/videos/2014/11/gustavo-de-dez-anos-ensina-a-combater-o-racismo>)

[https://www.portalbrasil.net/brasil\\_cidades\\_brasilia\\_ras.htm](https://www.portalbrasil.net/brasil_cidades_brasilia_ras.htm)

<http://www.inforbrasil.com.br/2014/03/ra-ii-gama.html>

<http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/PDAD/2013/PDADGama.pdf>

Figura 1: Mapa Localização do CEM 03 Gama DF. Fonte:

<https://www.google.com.br/maps/search/MAPA+CEM+03+DO+GAMA/@-15.9738979,-48.0345506,13z/data=!3m1!4b1>

Figura 2 – Mapa da Cidade do Gama. Fonte:

<https://www.google.com.br/maps/place/Gama,+Bras%C3%ADlia+-+DF/@-15.9887345,-48.1420185,12z/data=!3m1!4b1!4m2!3m1!1s0x935bd43570b84923:0x3118f578b04afb73>

Fonte: <http://www.gama.df.gov.br/sobre-a-ra/conheca-ra.html>)